

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



AS MODERNAS CABELEIRAS DE SEDA — MADEMOISELLE LORCIA E MR. PASETTI DA GRANDE ÓPERA

(Foto Manuel, Frères)

Ayuntamiento de Madrid

NO JAPÃO



ECOS

A motocicleta nunca tentou muito as mulheres europeas. Outro tanto não sucede no Japão onde é fácil vê-las passar rente de nós a cem à hora, como a felicidade...

RETRIBUINDO

A todos os nossos colegas da Imprensa que nos dirigiram felicitações, agradecemos o recebimento carinhoso que nos foi feito, oferecendo, a todos e em todas as ocasiões, a mais leal camaradagem.

LEITORAS da *Voga*, um instante de aritmética...

A Europa, esta velha Europa de que nós pisamos a parte mais ocidental e mais risoi-nha tem 312 milhões de habitantes e mais uma centenas de milhar. Ora bem, podemos afirmar que uma terça parte deste gentio, ou sejam 104 milhões de pessoas, são mulheres que cortaram o cabelo. Visto isto querem as leitoras saber quanto representam em peso essas tranças que a tesoura dos barbeiros impiedosamente ceifou?

Nada menos que 52 milhões de quilos, dando a cada cabeleira o peso mínimo de 500 gramas. Redusindo:

Esses quilos representam 52.000 toneladas ou sejam 5.200 wagons ou ainda 520 comboios especiais que, a uma velocidade média, levariam 4 horas seguidas a passar.

Esse cabelo tecido em corda daria mais de 150 mil quilómetros ou sejam trinta mil léguas, corda essa que podia três vezes enrolar o mundo!

E por agora basta. Estes números já são eloquentes e pensar muito faz mau cabelo.

B
BERTRAND-IRMAOS. L^{DA}
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO 27
LISBOA

AQUI PARA NÓS...

O NOSSO SORRISO

O que se tem dito do sorriso das mulheres!

O que se tem feito para o conquistar!

Quanto se tem tentado para o selar com um selo de morte ou de infortúnio!

E afinal o sorriso das mulheres é um sorriso como todos, o dos homens ou o das crianças!

Dois lábios que se contraem e nada mais...

Dizem autores graves (os autores são quasi sempre graves) que a nossa mais terrível arma é o sorriso. Como se todos os sorrisos fossem iguais, como se todas as bocas fossem uma pistola!...

Eu preferia que um dâles, um sábio qualquer, me dissesse qual é a mecânica do sorriso.

O que existe de divino ou de satânico nêsse arregaçar de lábios que numa crispção fisicamente idêntica compadece um infortúnio, arripia um desdem, ou faz, iniludível e solene uma confissão de amor. Porque a verdade é esta: Todos os sorrisos obedecem à mesma contracção de músculos, o acto mecânico é o mesmo para todos os significados do sorriso—músculos que se contraem, nervos que se crispam.

E há sorrisos de desdem, sorrisos de amor, sorrisos de piedade...

Por nós compreendermos essas diferenças chamar ao sorriso uma arma agressiva? Não. Sorrir é, para uma mulher, quando muito, vestir à sua sinceridade natural a máscara cbúrnea duma pobre defeza, se ela tiver bonitos dentes.

O que os sábios sisudos deveriam explicar-nos seria aquela relação misteriosa e subtil que existe entre o pensamento que nos atravessa o cérebro e a contracção que nos entreabre os lábios.

Deveriam êles dizer-nos isso em linguagem de gente, sem termos técnicos que assustam, com a simplicidade com que nós lho preguntamos; talvez depois conhecendo bem toda a mecânica do sorriso e a correlacção involuntária que existe entre o nosso íntimo sentir e o rictus da nossa boca, nós soubéssemos empregar a tal arma terrível e gritar a sábios e ignorantes: Ai daquele que afrontar o sorriso duma mulher!

Mas os sábios não dizem e nós ficamos a sorrir da sciência dos sábios...

FRANCISCA DE AYRE.

NO ESTORIL



VIDA ELEGANTE

A vida das praias agonisa. Ainda noutro «maillot» como andorinha que ficasse alheia da debandada e as praias do mar português vão ficar vivas de toda a belesa fugidia que lhes desafiava as ondas, vão ficar ermas e brancas na melancolia proverbial e pitoresca, vestida de inverno, que é como quem diz, despedida da gente.

A obra de sedução do inverno faz pouco a pouco. Os que voltaram a ar livre sentem-se envolvidos pelo conforto da habitação permanente.

A vida nomada passou.

Vão crescendo as noites.

É necessário aproveitá-las, pensa-se e, ao contínuo, áge-se. Como preâmbulo de combinações as casas de chá povoam-se à tardinha; surgem projectos fazem-se combinações e na próxima semana já muito temos que dizer do início da vida de inverno nesta Lisboa que já não é a velhota embarenta de há dez anos, mas sim uma fresrapariga que sabe divertir-se e civilizar-se.

Os teatros vão encher-se. Nas tardes de domingos um pouco de musica fará esquecer as horas do tédio da semana antecedente.

«Films» novos virão mostrar-nos o que tem inventado em cenários e «mise-scene» os grandes «studios» do mundo novo, e, como no romance de Guido de Verona, a vida começa amanhã.

Para sermos felizes basta-nos



NA VESPERA DA DEBANDADA



AGORA que a vida das praias está agonizante, é devida uma palavra de justiça à elegância portuguesa. De ano para ano a Costa do Sol civiliza-se, anima-se, vai calando as bocas aos maledicentes que a toda a hora depreciam as nossas coisas. Nesta época quasi nada faltou para que as nossas praias atingissem o grau de requinte das suas congêneres estrangeiras. Gente de toda a parte vem procurando a nossa terra, presa do seu encanto e, graças a Deus, já pensam

em voltar no ano seguinte. Quere isso dizer que vieram encontrar em Portugal o mesmo que noutra parte e a mais o nosso mar, o nosso céu, a beleza incomparável dos nossos dias de verão.

Que durante a trégua de inverno, os que pensam a valer na nossa vida como país de turismo, tratem de limar umas arestas que ainda nos falta adoçar para podermos, sem receio de confronto, ser o país preferido dos turistas de todo o mundo.



Maurice Chevallier e Ivone Chevallier

CASAMENTO DE ARTISTAS

Estão em voga os casamentos de artistas. Maurice Chevallier, o gracioso cancionista que o público do República muito aplaudiu nos seus números, que ficaram célebres, acaba de se consorciar na capela de Santa Helena, em Vaucresson, com Ivone Vallee.

Como seria a canção que despertou para este enlace Mademoiselle Vallee?

AS MULHERES E O PRÉMIO NOBEL

O mundo literário e diplomático está preocupado com a conquista do prémio Nobel, correspondente ao corrente ano.

Ao prémio de Medicina aspiram os doutores Cresheng e Firibiger, célebres pelas suas investigações sobre o cancro. Indigita-se para o prémio de Física e Química os cientistas alemães Walthaus e Fajaud.

Para os prémios de literatura, apontam-se os nomes de Maximo Gorki, Blasco Ibañez, e os escritores alemão Tomas Marin, e inglês Tomás Hardey.

São candidatas ao prémio Nobel duas escritoras, Sigreel Unchet, norueguesa, e Gracia Delledda, italiana.

FEMINISMO ABSOLUTO

Num distrito longínquo das Russias, acaba de ser descoberta uma tribo onde se praticam os princípios feministas com um rigor absoluto. Nesta tribo a mulher é o único sustentáculo da família. A mulher assegura o labôr quotidiano do seu ménage.

A intervenção social do homem é insignificante. Os homens consideram inferior a mulher que não é capaz de garantir a vida de sua família.

AS MUÇULMANAS E O VÉU...

Vai mau tempo para o Profeta. As mulheres mahometanas de Jerusalem querem viver, passear, caminhar pela Via Dolorosa, tais como as suas irmãs nazarenas — com as carinhas descobertas. E agitam-se e barafustam, e pedem em alta grita a protecção do comissário francês em Beyrrouth, para mandarem o véu para o rol dos esquecidos, englobando no mesmo olvido o véu, a lei e o Profeta.

Bem dizia o poeta falando do sol:

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve,
E a aguiça até desmaia...

Que Mafona lhes faça a vontade e brilhe em todo o seu esplendor a beleza das huriis, até agora oculta pelo véu da lei e pela meia luz ciumenta dos harens.

A MULHER NA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

A Sociedade das Nações assenta sobre um grande princípio: a Paz universal; apoia-se num magnífico alicerce: a ponderação.

Naturalmente à ideia da Paz e de ponderação sugeriu este outro pensamento: A melhor colaboradora da Paz é a mulher. Daqui a importância notável que a Sociedade das Nações consagra à inteligência e à actividade feminina.

Mais de cinquenta mulheres ocupam os mais altos postos na Sociedade das Nações, e mais de quinhentas, desenvolvem uma prestigiosa actividade no metucioso expediente das várias secções.

São assim postos à prova os valores da mentalidade feminina do nosso tempo.

Sete nações, dentre os cinquenta e seis países filiados na Sociedade das Nações, são representadas por mulheres. Os três países escandinavos deram o exemplo, desde a primeira assembléa em 1920.

A Roumania segue este exemplo, em 1921, depois vieram a Inglaterra e a Australia, e por último a Alemanha e n v i á v a como seu representante feminino, Madame Gertrude Baumer.

Entre as delegadas à Sociedade das Nações, contam-se nomes prestigiosos, como: Madames Forchhammer, Wiksell, Bonneire (delegadas escandinavas). Mrs. Coombe-Tenaut, representante da Grã-Bretanha; Mrs. Swanwich, duquesa D'Atholl, Madame Edith Lyttelton, Mrs. Dale, Miss Jessie Well, Mrs. Allan, Mrs. Mackinon, delegadas austriacas; Mademoiselle Hélène Vacaresco, delegada romena às seis assembléas, e Madame Gertrude Baumer (alemã).

O nome de Madame Vacaresco, faz-nos pensar nos seus versos e na sua obra notável, como feminista.

Os seus discursos, na assembléa da S. D. N., em defesa das mulheres e das crianças deportadas na Ásia Menor, ficaram célebres.

Edith Lyttelton, muito conhecida também pelos seus trabalhos como dramaturga, e nos seus estudos sobre as relações internacionais da organização do trabalho.

A duquesa d'Artholl, foi deputada na Câmara dos Comuns.

Mr. Gertrude Baumer, é uma das oradoras mais eloquentes do partido democratico alemão.

Há ainda outros nomes prestigiosos, como Madame Curie, que ocupa um lugar brilhante na Comissão de Cooperação Intellectual; Madame Rachel Crowdy, a única mulher chefe de secção do secretariado da S. D. N., um dos postos mais altos desta assembléa; e ainda a princesa Gabrielle Radziwill, que ocupa um importantissimo lugar na Secção de informações do Secretariado da Sociedade das Nações.

A todos estes nomes, deve-se ainda acrescentar sessenta delegadas das associações operárias ou patronais que tem representação nas conferências organizadas pela Sociedade das Nações.

Há ainda outras comissões onde a inteligência da mulher e o seu grande amor a Paz universal, e posta à prova como por exemplo na admirável obra realizada, na secção de protecção à infância.

O SUFRÁGIO FEMININO EM FRANÇA

Há quatro anos o senador francês Louis Martin, preconizava com entusiasmo o direito das mulheres terem voto familiar e poderem votar e eleger para as funções públicas todas as francesas. A Camara opôs-se a conceder esses direitos à mulher. O Senado impôs a mais formal recusa.

Passaram rapidamente os anos sobre a proposta de Louis Martin. A questão volta de novo a agitar-se. Os parlamentares franceses já não mostram a mesma intransigência.

Apoia-se agora num critério de oportunidade. Como defendem eles esse critério?

Em suma, a sua opinião é esta:

Não é oportuna a intervenção da mulher neste momento, porque no período de desordem que a França atravessa, o sufrágio fe-



Madame Curie

minino seria um sério embaraço e causa de novas perturbações.

Este argumento é de natureza política, que só diz respeito aos homens, e só a eles interessa, ainda mesmo que estivesse certo quanto às perturbações políticas ocasionadas pelo ingresso das mulheres no Parlamento. Mas o argumento principal ainda não é este. Dizem os que se opõem ao sufrágio feminino que a mulher carece de melhorar a sua situação legal.

Este reconhecimento é muito importante. Vê-se que afinal os parlamentares reflectiram e pensaram nas mulheres nos últimos quatro anos, e para uma mulher, saber que se pensa nela...

LADY MAYORESS DE LIVERPOOL

MAIS uma vitória feminina.

A cidade de Liverpool acaba de escolher para seu «Lord Maior», uma mulher, Miss Margaret Beavan.

É a primeira vez que em Inglaterra uma mulher é chamada a ocupar um posto de tamanha importância.

Miss Margaret Beavan tem 50 anos. Toda a sua vida tem sido consagrada a cuidar de crianças doentes, e atenuar a miséria das crianças das pessoas pobres.

Miss Margaret Beavan a «Mãe de Liverpool» fica na honrosa contingência de ampliar os seus meios de acção para o desenvolvimento da sua obra filantrópica.

A ponte de Brooklyn, na cidade de Nova York, conta mais dum quilómetro de comprimento; costumam seguir por ela, a pé, os empregados da grande capital americana: isto constitui para eles um processo habitual de higiene. A hora do «lunch» ha, pois, sobre a ponte colossal e por seus arredores, uma multidão compacta.

Foi nessa hora movimentada da tarde que um dia todos viram uma rapariga de rara beleza correr desesperadamente, saltar o parapeito da ponte e atirar-se voluntariamente à água. Produziu-se logo, como era natural, um grande alvoroço: uns corriam, os outros gritavam, homens precipitavam-se à água para salvar a jóven, e sobre a ponte, de encontro ao parapeito, a multidão comprimia-se até esmagar-se. Todos queriam vêr se e como salvavam a infeliz.

E, como isto se passava na America, logo, surgidos nem se sabe de onde, aparelhos cinematográficos apareceram, para «agarrar» o filme sensacional. Perto dum cento de barquitos rodeava já a joven suicida, a qual conseguiram içar a bordo e daí levar a terra, onde gente cheia de compaixão, levando-a para sua casa, a fez voltar a si, depois de demoradas ricções. Então perguntaram-lhe quem era, porque motivo assim atentara contra a propria vida, ela tão bela e tão nova. Já dois mil reporteres, sacando de seus estilografos, se preparavam para apontar as respostas da formosa mulher. Esta, porém, disse com simplicidade:

— «Eu sou Miss Z..., do teatro X. Represento numa peça sublime, uma peça que os homens do nosso tempo — tão grosseiros são eles! — não sabem entender.

Indignos até são eles de a entender!

Oh público! Oh público cego e ingrato!

Enfim, andamos a representar para uma sala vazia... E eu não pude resistir à dôr de vêr uma tão bela peça incompreendida, resolvi acabar com a vida para não mais assistir a tamanha injustiça... Senhores, o teatro X é o que fica na 13.^a Avenida, à esquina da 110.^a rua. Por um dólar já se pode ter um excelente *fauteuil*...

Deste modo falou a bela rapariga que momentos antes tentara suicidar-se.

A noite, os jornais traziam em paragona: Sublime dedicação. Uma joven e formosissima «lady» mata-se porque o público não aplaude o drama em que ela representa.

E no espectáculo dessa mesma noite, o público, — arrependido — assaltava as bilheteiras do teatro da 13.^a Avenida, e a sala enchia-se à cunha.

Quanto ao empresário deste, radiante, aumentara os «honoraires» da hábil nadadora que, a rôgo dele, aceitara encarregar-se daquelle processo corajoso e sensacional do réclamo... à americana.



Madame Santua Seymour, do Comité de Honra para a Protecção à Infancia



ALMOÇO

Linguado com molho de «mayonnaise»
Rins guisados em polme de batata
«Omelette» verde

JANTAR

Sopa de agriões
Carneiro à irlandesa
Feijão branco à «maitre» de hotel
Goraz ao gratin

SOBREMESA

Dóce de chuchu

ALMOÇO

«MAYONNAISE» DE LINGUADOS

Depois de cosido o linguado, tira-se-lhe a pele, separam-se os filétes cuidadosamente para irem absolutamente limpos de espinhas, cortam-se em bocadinhos, misturam-se com camarões cosidos e descascados e ornamenta-se o prato, empregando nesta ornamentação alguns camarões dos maiores, ovos cosidos, rodas de rabanetes, olhos de alface, etc.,

MOLHO DE «MAYONNAISE» PARA OS LINGUADOS

Num prato côvo põem-se duas ou três gemas de ovos com uma colherinha de mostarda, sal e uma pitadinha de pimenta. Segura-se o prato com a mão esquerda e com a mão direita deita-se uma colher de azeite sobre os ovos e com um garfo mistura-se o azeite e os ovos mexendo sempre para o mesmo lado; quando a mistura começa a engrossar deita-se outra colher de azeite mexendo sempre para que continue a engrossar e vai-se deitando até obter a porção de molho necessária; junta-se-lhe então uma colher de vinagre, prova-se e aumenta-se a porção de azeite ou de vinagre. Põe-se numa molheira e serve-se.

RINS DE VITELA GUIRADOS, EM POLME DE BATATA

Corta-se o rim em bocados, aproveitando-lhe só a fêbra; põe-se ao lume numa caçarola, com tiras de presunto, banha de porco e cebola picada; depois do rim estar bem passado, põe-se numa travessa de ir ao forno polme de batata preparado com leite e manteiga, faz-se-lhe uma cova no meio, onde se deita o rim guisado, cobre-se com mais polme de batata, dando à parte superior a forma de gomos, leva-se ao forno até que êsse gomos fiquem bem loiros. Serve-se em seguida.

«OMELETTE» VERDE

Cosem-se espinafres em água a ferver numa panela destapada, passam-se na máquina de picar, depois de bem espremidos, misturam-se com ovos batidos, a que se junta também um pouco de salsa picada e procede-se como para qualquer outra «omelette».

JANTAR

SOPA DE AGRIÕES

Depois de ter tirado as astes aos agriões picam-se finamente numa caçarola onde está manteiga derretida. Deixam-se coser durante meia hora e juntam-se-lhe algumas batatas e a quantidade de água necessária para fazer a sopa. Continua a coser e passa-se em «purée». Cortam-se em bocadinhos fatias de pão e fregem-se em manteiga para os deitar na sopa.

CARNEIRO À IRLANDESA

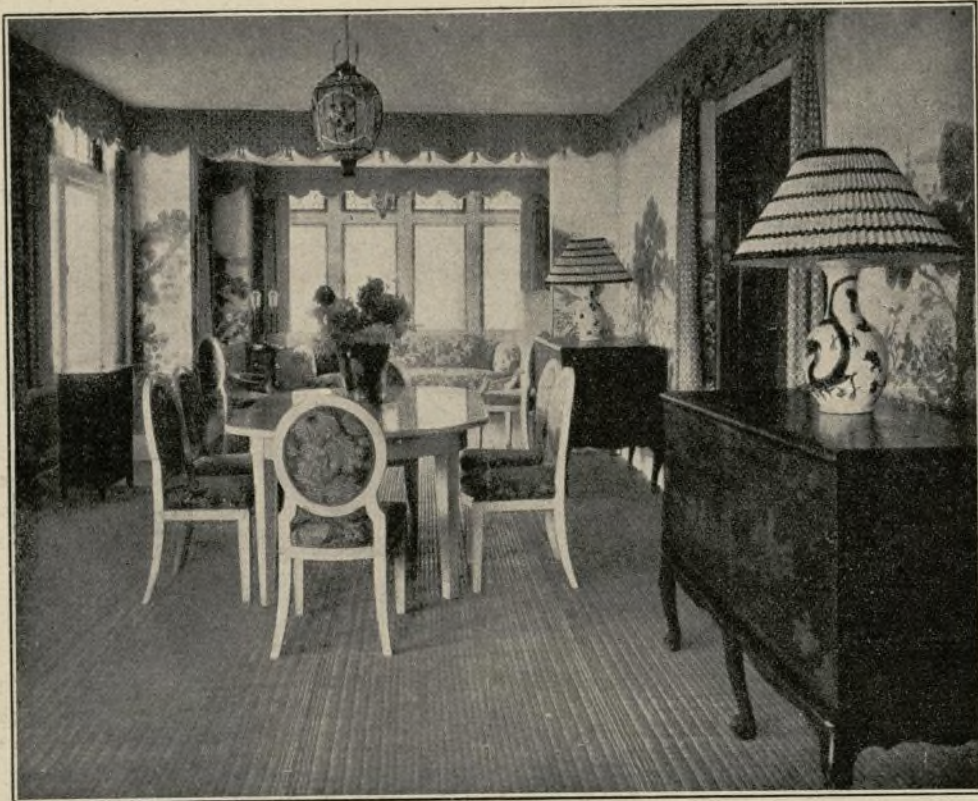
Um quilo de carneiro do peito e meio quilo de cachaço (em bocados).
Três cebolas grandes.
Seis batatas.
Ramo de salsa, etc.
Tempo necessário duas horas.

: DO LAR :

PAREDES com largas decorações, com flores de lotus, arbustos exóticos, peonias gigantes, monstros, dragões, aves sagradas, toda a fauna e toda a flora imaginada no Oriente. O estôfo dos móveis igualmente pintalgado das mesmas cores e dos mesmos motivos. Um jarrão a que se aplicou uma lâmpada; uma cómoda que se revestiu duma camada de tinta de laca vermelha ou azul, na cor clássica do charão. Sobre essa laca decalcomanias a ouro. Nas janelas estores de

palha e aí está um arranjo chinês para sala de mesa, fácil de conseguir na Europa e sobretudo em Portugal, onde há tanto móvel velho cuja forma está à espera de um restauro de laca para parecer charão! Para o fôrro das paredes quem não quizer gastar cetonos pode remediar-se com papeis pintados que os há lindos e variadíssimos no estilo requerido.

É menos banal que o Henrique II, confessem.



Sala de jantar em estilo chinês

PUBLICAÇÕES DA CASA AILLAUD

ILUSTRAÇÃO MAGAZINE

para os estudiosos e para aqueles a quem interessa uma perfeita documentação gráfica dos acontecimentos mundiais

a única publicação portuguesa que marcou um lugar insubstituível em todas as famílias que presam a boa leitura

VOGA — A revista de elegâncias que a mulher portuguesa vai eleger como sua companheira em assuntos de bom gosto

FEIJÃO BRANCO À «MAITRE» DE HOTEL

Cose-se feijão branco em água e pouco sal; depois de cosido escorre-se e tempera-se com manteiga de vaca, salsa muito picada, uma pitada de pimenta e sumo de limão, e assim se serve. Note-se que este tempêro deve ser feito estando o feijão ainda quente, não só para derreter a manteiga, como para o feijão tomar a si o tempêro.

GORAZ AO GRATIN

Amanha-se o goraz por algum tempo a tomar sal. Em seguida, abre-se cuidadosamente pelo lombo e barriga, para lhe tirar as espinhas, põe-se também de parte a cabeça, que pode ser

aproveitada para coser. Prepara-se uma travessa de ir ao forno, deitando-lhe no fundo manteiga e salsa picada. Nessa travessa dispõem-se os filétes do goraz. Por cima do peixe deita-se manteiga derretida, sal, pimenta em pó, raspa de noz moscada, salsa picada, queijo ralado e sumo de limão. Rega-se depois com leite, polvilha-se com pão ralado em camada uniforme e leva-se ao forno até que o peixe esteja convenientemente passado, o tempêro na devida consistência e a capa bem loira.

SOBREMESA

DÓCE DE CHUCHU

Descasca-se uma dúzia de chuchus, tirando-se-lhes as pevides, e partem-se em quartos. Em seguida pesam-se os chuchus juntando-se-lhe peso igual de açúcar.

Põe-se tudo ao lume numa caçarola e deixa-se ferver até estar completamente cosido. Em seguida passa-se pela peneira, juntam-se-lhe doze gemas de ovos e vai novamente ao lume brando durante uns cinco minutos. Este doce delicioso lembra os ovos moles de Aveiro.



BELEZA DE EXPRESSÃO

É tão formosa a nossa língua! Entre todas uma das mais belas sem dúvida, e harmoniosa como poucas. Porquê, pois, deformá-la, rebaixando-a com termos, locuções vulgares e de origem diversa, que nós vamos sacar do calão mais plebeu?

Quem tem culpa disso? Difícil seria dizer; sem querer acusar seja quem for, pode porém constatar-se que várias são as causas dessa lamentável tendência nossa.

Vez em quando é a moda quem, por um capricho insensato e condenável, nos vem trazer certa feição à maneira de falar. Escusado será dizer-se que apenas os presumidos ou os snobs aceitam e seguem tão disparatados decretos...

Por exemplo, no tempo do Directório, em França, foi moda para os *Incroyables* e para as *Merveilleuses*, não pronunciar os *r r*. Diziam êles e elas: «*Ma paole d'honneur; c'est charmant.*»

Um século mais tarde, deu-se, não só em França mas até aqui entre nós Portugueses, a invasão dos termos de calão; hoje é calão falar calão... segundo certas opiniões.

E tanto o calão entrou em nosso falar que se ouve a cada passo: nos carros, na rua, nas lojas; em uma sala até, meninos de sociedade se atrevem a falar calão!

E a nossa língua — a formosa língua portuguesa — transforma-se assim em uma linguagem de fadistas!...

Há calão e calão... bem sei. O dos malfeitores em coisa alguma se assemelha ao calão dos artistas; tanto é o primeiro sinistro e repugnante, quanto o segundo é colorido e pitoresco — cheio de imagens bem achadas, originais.

Mas — por mal dos meus pecados — é o calão mais plebeu que a gente moça de agora foi buscar as expressões que faz gala de usar.

Nem todos teem discernimento assás para diferenciar e escolher entre uma ou outra expressão colorida que, sem inconveniente, pode, uma vez por outra, empregar do calão pitoresco dos artistas, e os termos triviais baixos até, da mais ínfima camada popular.

Que os homens falem um tanto à vontade e sem grande reserva, — ainda vá lá! — demos aceitar a sua sem-cerimónia, não porêmos, porém, a queiramos imitar. Que uma menina, que uma menina tome a liberdade de usar tão plebeu vocabulário, eis o que eu considero uma imperdoável falta contra a boa ciência do saber-viver.

Em uma boca mimosa de mulher, quando destoa o feio calão! Não a deixeis desleixar as suas amigas leitoras...

As pessoas idosas cujo coração é pleno de indulgência para com a mocidade, essas costumam-se com sorrir, quando lhes succeder ouvir falar calão. As outras — e é este maior número, — julgam com severidade as senhoras e raparigas que se expressam com se se julgassem homens ou rapazes.

— Está um taró; estou com larica; pô a cavar; etc, etc.

Repito: Senhoras, o calão não foi feito para os vossos lábios de mulheres...

DONA ETIQUETA

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO — RUA IVENS,

Os Nossos Bordados

UMA FORMOSÍSSIMA BARRA PARA TOALHA DE MÃOS

OUTONO! As malas encheram-se, voltaram para a cidade, e na casa, de novo, tagarelou a Vida, entrou—pelas janelas abertas—o sol, o pálido sol pincelado de ouro dos breves dias outonais.

No lar rehabilitado, após tudo posto em ordem, sabe bem, durante os alongados serões, cuidar das roupas nas arcas e gavetas olorosas de alfazema.

E então, quantas peças se encontram usadas, gastas do servir, quantas rendas já rôtas, e os bordados desfeitos!

Há coisas que é preciso renovar, para que nunca a roupa mingüe na nossa reserva.

E como as toalhas de mão são das peças de roupa que mais depressa se gastam, o nosso lápis traçou as curvas leves dessa barra feita de rosas—com seus espinhos, pois que rosa os não tem?—e destinada a guarnecer uma boa toalha de linho. O desenho representa metade da barra: que a bordadora o

decalque e terá, voltando o papel vegetal, a outra metade. Borda-o a ponto de Richelieu, com linha de bordar um pouco grossa: o algodão para bordar D. M. C.—18 ou 20 parece-nos o melhor para este género de trabalhos.

É a rosa uma das flores mais decorativas: já pela sua forma, já pelo porte da planta, ela se presta sobremaneira à ornamentação. Uma, duas ou três rosinhas não formam por si sós um motivo graciosíssimo para bordar, numa camisa, numa blusa, num vestidinho de criança?

Na roseira tudo é formoso: o feitio da rosa,—com muita justiça chamada a rainha das flores,—a sua fragrância delicadíssima de suas pétalas... se até os próprios espinhos da roseira lhe dão graça maior e maior beleza!

O Bordado moderno está por isso mesmo empregando imenso os motivos inspirados na roseira e em sua flor. Lindíssimos frisos se conseguem, e são esses, geralmente, os que mais agrado encontram no gosto feminino. Talvez que a Rosa agrade tanto à Mulher por ser aquela a Rainha das Flores e esta a Rainha da Formosura...

O nosso friso de rosas vai agradar tanto mais que, numa toalha de mãos fica muitíssimo bem. Lembra-nos, a nós portuguesas, a popular quadra da nossa terra que em seus versos nos canta:

*«Fui lavar a Rio
[Tinto,
Cheguei lá sem
[o sabão:
Lavei a roupa
[com rosas,
Ficou-me o chei-
[ro na mão...»*

E agora, mãos ao trabalho! — e vereis que lindíssima fica a nossa toalha de linho fino.

PEQUENINO NAPPERON MUITO SIMPLES

Um ponto de cordão para as hastas, umas folhinhas a ponto da Ilha. Ao redor ponto de recorte — e eis, muito singelo, um napperon-sinho gracioso e útil.

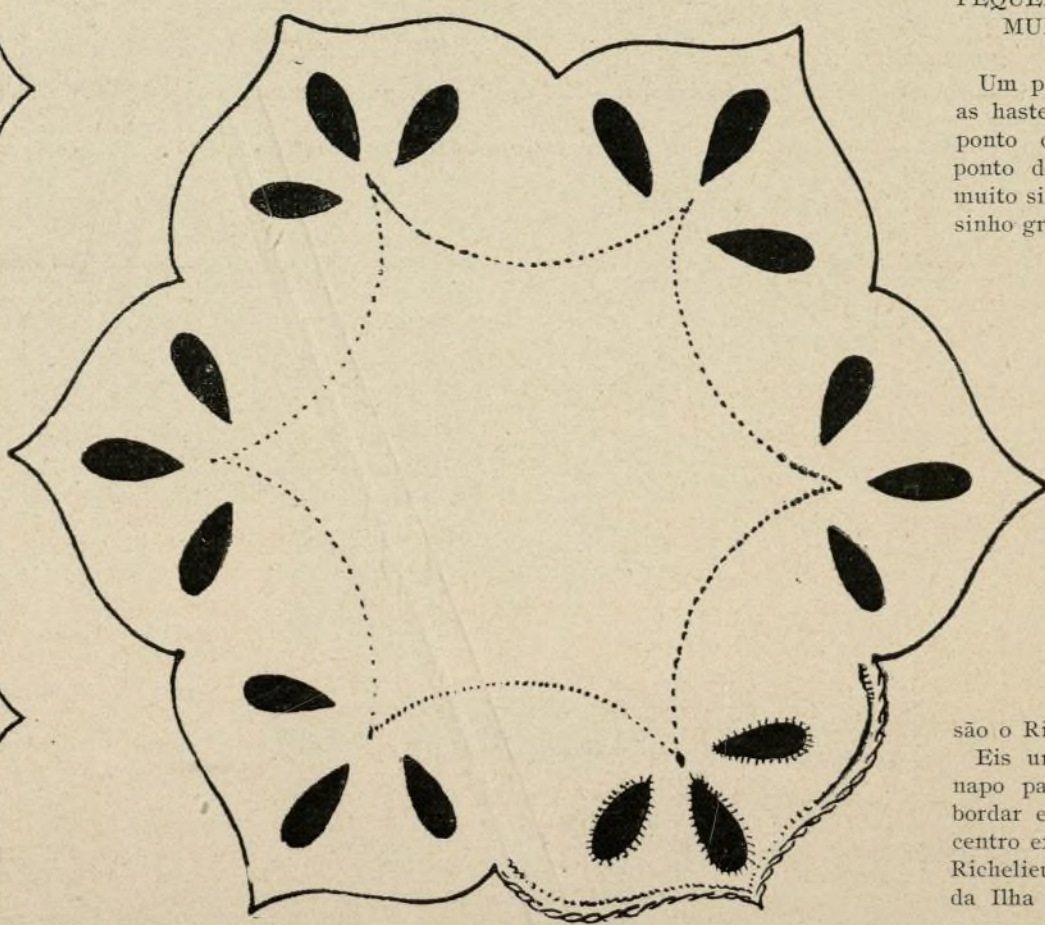
CANTO DE GUARDANAPO

Para o nosso chá, precisamos ter sempre um jogo de toalhas e guardanapos apropriados.

Usa-se cada vez mais, para o chá, o linho, fino ou um pouco grosso, bordado.

Os bordados mais em voga são o Richelieu e o da Ilha.

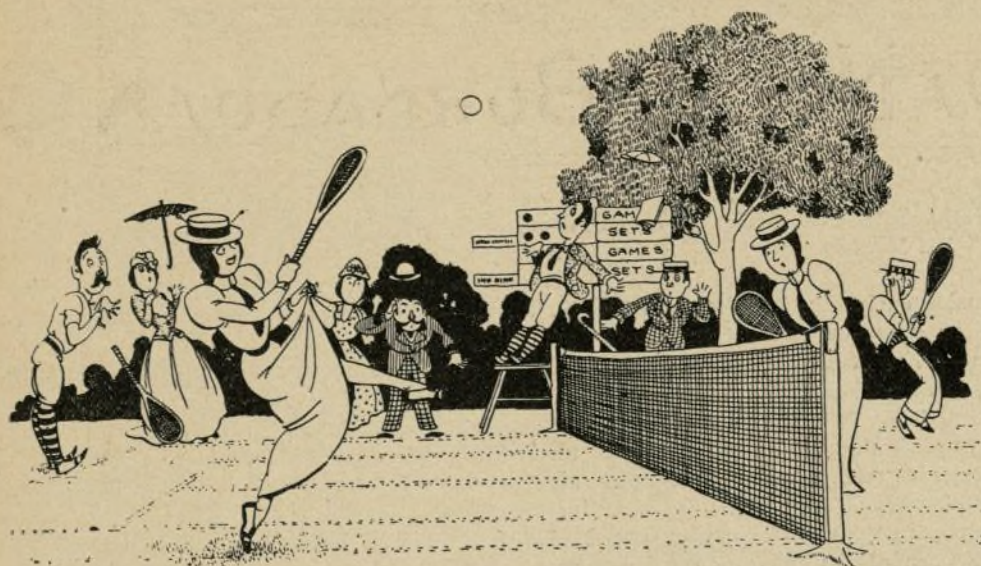
Eis um canto de guardanapo para chá. É fácil de bordar e muito moderno. O centro executa-se a ponto de Richelieu, as folhas a ponto da Ilha ou inglês.



PANOS "STELLA"

RUA DO ALECRIM, 7
Esquina da Praça Duque da Terceira
TELEFONE 1277

NO DEPOSITO DAS FABRICAS encontram-se linhos, algodões, etc., a preços vantajosos por efectuarem as VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO



Há vinte anos, o «sport» antevia a moda da sãia curta

O «RAID» DA AUDACIOSA AVIADORA MISS RUTH ELDER

Miss Ruth Elder cumpriu a sua temerária promessa, registada nas columnas da «Voga», no seu número de 9 de Outubro:

«Nada me impedirá de partir. Ninguém no mundo terá forças de me opôr obstáculos. Quero ser a primeira mulher que realizará a travessia do Atlântico. Deixarei New York...»

E suspendeu o seu entusiasmo para guardar o segredo da data da partida.

Miss Ruth Elder, comentamos então, interrompeu as suas declarações, mas o seu desafio continua retinindo através o mundo...

Agora já não é o seu desafio que vibra através o mundo. Agora é o seu triunfo que empolga, e cremos bem arrastará outras mulheres a tão ousados cometimentos.

Esta afirmação não é um comentário feito de ânimo leve. É inevitável que se repita o mesmo facto que determinou Miss Ruth Elder a empreender a travessia do Atlântico.

Com os seus 23 anos, a arrojada aviadora, foi influida com a linda aventura de Lindberg. Então foi rápida, foi admirável de decisão na maneira de vencer os pequeninos mas difíceis obstáculos que a burocracia coloca sempre diante dos temperamentos ousados, cuja acção não está prevista nos artigos dos regulamentos. Miss Ruth Elder treinou-se, estudou com uma tal perseverança, com tal confiança em si, que pode resistir à terrível prova que precedeu o «raid»; ganhar a confiança do inspector da Aeronáutica. Ter-lhe-ia sido mais difícil que alcançar Paris. O modo como a arrojada aviadora venceu esta dificuldade é muito curioso. Será talvez muito americano, mas é lindo.

Uma tarde aparece no «hangar» onde estava guardado o «American Girl», o inspector da Aeronáutica. Dirigindo-se a Miss Ruth Elder perguntou-lhe se era ela que ia fazer a travessia do Atlântico. A endiabrada rapariga, numa admirável simplicidade, disse que sim e que ninguém a impediria disso. O inspector sorriu e replicou:

— Queira mostrar-me o seu *brevet*.

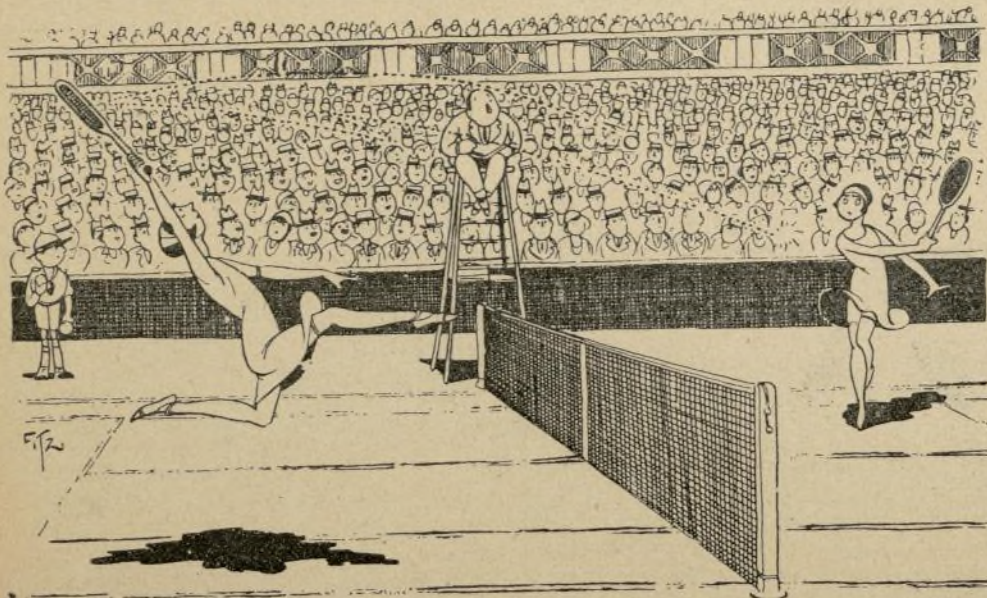
Miss Ruth Elder não o tinha. Não desanimou. Sem se perturbar, muito gentilmente, convidou o inspector a subir com ela no avião, como seu examinador, e depois da prova, com certeza, não hesitaria. O avião elevou-se rapidamente e Miss Ruth Elder descreve com o seu aparelho magníficos círculos e caprichosos *loopings*, acabando por aterrar impecavelmente em Roosevelt Field. O inspector ficou maravilhado e gentilmente poz a sua assinatura num documento que era, afinal, o necessário *brevet*.

Oh! As mulheres! E há ainda quem não preste justiça ao seu admirável instinto!

UMA FESTA NO LISBOA GYMNASIO CLUB

No próximo dia 22 do corrente realiza-se uma sarau seguido de baile em homenagem ao Lisboa Gymnasio Club e dedicado ao Club Internacional de Foot-Ball, Sport Algés e Dáfundo e Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés. A festa é promovida pelo «Amigos Foot-Ball Club».

Faz parte do programa de festas, dois actos de variedades e um sarau à francesa, com danças clássicas, pelos bailarinos Mademoiselle Arthell e Mr. Charles, e alguns actores dos nossos principais teatros, como Teresa Gomes, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Alvaro de Almeida e Armando Baptista. Durante os intervalos serão distribuídos prémios aos vencedores das provas inter-sócios do grupo sportivo «Amigos Foot-Ball Club», provas realizadas na época 1926-1927. Vai ser uma festa memorável como todos os saraus realizados na sede deste prestimoso club.



Subiu a sãia cresceu a agilidade...

UMA RIVAL DE MISS RUTH ELDER?

As mulheres não dormem. Pouco depois do «raid» de Lindberg, uma jovem americana, Miss Ruth, prepara silenciosamente o vôo sobre o Atlântico, que lhe daria a glória de ser a primeira mulher a realizar tão audaciosa travessia. Empregada num dentista, Miss Ruth Elder rapidamente entrou num «hangar», tomou conhecimento com aparelhos, fez rodar motores, subiu, fez acrobacia, obtinha o seu *brevet* de aviadora e eis-la assombrando o mundo com a sua audácia e sua esplêndida mocidade, que tudo soube vencer.

Este caso não é único. Há cinco meses que, silenciosamente também, Miss Grayson prepara um arrojado vôo, atravessando o Atlântico em direcção à Dinamarca.

A corajosa americana, quando soube da largada de Miss Ruth Elder, teve este comentário:

— «Há ainda muito espaço sobre o Atlântico para duas mulheres.»

OS GRANDES CAMPEONATOS INFANTIS

A hegemonia do *récord* também seduziu as crianças. Já não é difícil apresentar ao desvanecimento indolente das mães do nosso tempo, o esforço atlético de campeões de motocicleta e automóvel, que não vão além de meia dúzia de anos. Os *raids* gigan-



A educação física da mulher na Alemanha

tescos dos nossos dias terão valiosos continuadores. A esplanada dos Inválidos, em Paris, oferece já a visão dos futuros campeões, em minúsculas proporções, com as suas encantadoras corridas para crianças. Automóveis e motocicletas em miniatura, de uma elegância e simplicidade de mecanismo admiráveis, passam numa velocidade que dá aos pequenos concorrentes a sensação da partida e da chegada, que emociona os autênticos campeões.

E é que já aparecem nos jornais os nomes destes pequenos desportistas, como os grandes azes de sport. É ver esta lista com os resultados das várias provas:

1.º prémio de automóveis miniatura (500 m.) Noel (7 anos).

Corrida de side-cars — (500 m.) handicap: Trevat (6 anos).

1.º prémio de patinagem, para rapazes, (100 metros) Nauder (11 anos).

1.º prémio de patins, para raparigas, (100 m.): Camille Kunky (4 anos e meio).

Não acham bonito? Interessante e prático como preparação para a vida, cada vez mais exigente em esforço e disciplina de vontade.

A TRAVESSIA DA MANCHA

Miss Mercedes Gleitze persiste na tentativa da Mancha. Na sua sétima travessia realizou o percurso em 15 horas e 15 minutos.

Não duram muito tempo as vitórias na nossa época. A tentação da Mancha continua. Depois da recente travessia de Miss Mercedes Gleitze o telégrafo anuncia:

«A nadadora inglesa mistress Gill atravessou o canal da Mancha, ganhando a costa inglesa em Shakespeare Beach, próximo de Douvres, às 12 e vinte da noite.

O SPORT ENTRE NÓS

O sport mais difundido entre nós, e onde a concorrência de senhoras e crianças é mais animadora, é a natação. As provas das classes de natação despertam mesmo mais interesse, sobrepondo-se ao tenis e à esgrima.

Nas provas finais das classes do Gymnasio Club Português, vemos, por exemplo, muitos nomes de senhoras e crianças, o que constitui um belo exemplo e um magnífico incentivo para a educação física da mulher e da infância.

Assim, entre os resultados das várias provas, regista-se:

Principiantes—Senhoras, 50 metros livres: 1.º Fernanda Nunes; 2.º Maria Matilde Delnegro.

«Juniors»—Senhoras, 100 metros estilo livre: 1.º Fernanda Nunes; 2.º Maria Matilde Delnegro.

Alunos deste ano—50 metros bruços: 1.º António Malheiro; 2.º José Araujo; 3.º Virgílio Cunha; 4.º Guilherme Figueiredo.

Infantis—Meninas, 50 metros bruços: 1.º Délia Rosa Ferreira; 2.º Zídia Malheiros.

Meninos até 10 anos—50 metros bruços: 1.º Vitor Nunes Correia, 1' 20"; 2.º Hermínio Ferreira; 3.º Carlos.

Meninos até 12 anos—50 metros livres: 1.º Afonso Gonçalves, 50" 3/5; 2.º Armando Marques; 3.º Joaquim Rangel de Lima.

Meninos até 12 anos—50 metros bru-

ços: 1.º Alexandre Rodrigues, 1' 5"; 2.º Armando Marques; 3.º Joaquim Rangel de Lima.

Meninos além de 12 anos—50 metros livres: 1.º Manuel Silva, 50"; 2.º Afonso Rodrigues.

Meninos de 12 a 14 anos—50 metros bruços: 7.º Afonso Rodrigues, 1'; 2.º Fernando Fonseca.



Um futuro campeão de golf

MUITAS senhoras, quando organizam o plano do seu enxoval de noivas, pouco se preocupam com a despesa, a utilidade e o bom gosto; o que procuram sobretudo é a abundância, o grande número de peças do vestuário em que as rendas, de toda a espécie e os estofos mais raros e caros são a nota dominante.

O gosto moderno, de mãos dadas com o bom senso, opõe-se a essa tradicional concepção. Hoje o que se deseja é que o enxoval da noiva, além de obedecer à estética, sirva não só para a solenidade nupcial, para as viagens, passeios e visitas da lua de mel, mas também para todos os usos práticos a que é destinado o guarda roupa feminino. A vida actual deve ter sempre o carácter utilitário.

Não há dúvida de que o vestido de casamento exige todo o cuidado na escolha e confecção.

As suas características têm de ser: simplicidade e elegância.

O tecido a preferir será leve e vaporoso, como por exemplo o «crêpe de Chine», a «charmeuse», etc. O feitiço mais recomendável é o que se coaduna com o lugar e a ocasião. Não esquecer que a cerimónia principal se passa na igreja; portanto o vestido tem de ser apenas levemente decotado e de mangas compridas; a saia uns quinze centímetros abaixo do joelho. A cauda é formada pelo manto e este, da mesma fazenda do vestido, pende ampla e elegantemente dos ombros.

Quanto ao véu, esse ficará ao gosto da noiva, devendo harmonizar-se com o seu penteado.

Além do vestido de noivado, outros mais são precisos, obedecendo a três fins: um ou mais vestidos «tailleurs»; dois ou mais vestidos para desporto, dois vestidos para passeio e dois vestidos para vestir de manhã em casa. Dois outros ainda para trazer de tarde, nos «five o'clock» ou em outras ocasiões análogas; e finalmente dois ou três vestidos para teatro ou «soirée», obedecendo todos eles à moda.

É sempre de recomendar que na escolha do guarda roupa se procure uma certa concordância de cores, de maneira que o conjunto do vestuário todo se harmonise.

Assim a cor e o feitiço da blusa não de-

O ENXOVAL DA NOIVA



vem destoar dos da saia, antes têm estas duas peças de um vestuário de completar-se atendendo às afinidades de certas cores que podem diferir, como espécies dum mesmo género. Isto trás duas vantagens: a da estética e a da economia; porque escolhendo por exemplo as cores «beije», castanho, cinzento ou ardósia, ficamos certos de que as blusas destas «nuances» vão bem com quaisquer saias e casacos «tailleurs».

O mesmo se pode dizer dos chapéus que evidentemente não de estar de harmonia em cor e feitiço com o resto do vestuário, sem com isto querermos dizer que o chapéu tenha forçosamente de ser da mesma cor do vestido.

As péles, as luvas, o saco de mão, as meias e os sapatos podem também ser de várias cores e feitios, mas têm igualmente de concordar com o resto do vestuário. Nesta

matéria, entendemos não ser conveniente apresentar régras de detalhe, mas sim preceitos gerais, deixando à leitora determinar-se, em cada caso particular, conforme o seu gosto, dentro das condições acima indicadas.

Em regra bastam três vestidos de «soirée», sendo um deles mais sumptuoso para as grandes ocasiões, e os dois outros simples.

A iniciativa individual da noiva pertence a escolha do tecido e do feitiço; mas cumpre advertir que os decotes exagerados tendem a desaparecer da moda. O bom tom exige em tudo moderação.

Quanto às capas, repetimos a regra geral dada acima: a cor de uma capa não deve destoar da do vestido. Podemos contentar-nos com duas capas, uma para o verão e outra para o inverno. Isto diz respeito às capas a usar à noite.

Para as saídas durante o dia convém ter igualmente dois casacos, pelo menos, os quais não de obedecer ao mesmo preceito de concordar em feitiço e cor com o vestido.

Para terminar, ousamos chamar a atenção das nossas leitoras para a importância que tem o modo de usar o chapéu.

Não é de bom gosto trazê-lo muito para traz, nem muito para o lado, nem muito sobre os olhos, porque qualquer dessas atitudes tira à mulher aquêle ar feminino que deve ser sempre apanágio seu. Ponha-se o chapéu cuidadosamente e não à pressa, devendo assentar bem sobre a parte superior da testa, deixando ver a um e ao outro lado da cabeça algumas madeixas do cabelo.

Chamamos também a atenção para o inconveniente que há em uma senhora usar chapéus parecidos com os dos homens. Os excessos actuais do encurtamento das saias, do feitiço masculino dos casacos de algumas senhoras e do uso dos chapéus «à homem», são prova de gosto depravado; porque uma mulher assim ataviada, vista por detraz e a distância, não se sabe bem a que sexo pertence. Se alguém imagina que os homens acham elegante essa confusão, labora num erro crasso. A mulher deve parecer sempre mulher: o encanto que dela irradia deriva essencialmente da sua feminilidade e esta revela-se principalmente no bom gosto do seu traje. Saber vestir é a mais difícil das sciências, creiam.

RECEITAS CASEIRAS

PROCESSO DE DESENHAR E PRATEAR FITAS DE SEDA

QUERENDO fazer desenhos de cor prateada em fitas de seda, aconselhamos o seguinte processo:

Faz-se uma solução de nitrato de prata em água destilada, para o que basta saber que esse sal de prata é solúvel num peso igual de água; adiciona-se-lhe seguidamente uma pequena porção de goma arábica para que o soluto tenha certa viscosidade; e com uma pena de escrever ou com um pincel fino molhado na solução traçam-se sobre a fita os desenhos que quizermos. Deixa-se secar por alguns instantes e depois estende-se a parte da fita em que está o desenho por cima de uma vasilha de boca larga na qual deitámos primeiro água, e só depois uma pequena quantidade de ácido sulfúrico e pedacinhos de zinco.

Os vapores que se levantam do ácido sulfúrico assim diluído atacam o nitrato de prata, fazendo aderir este metal fortemente à seda.

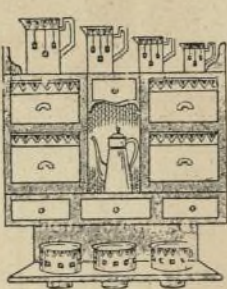
Podemos assim obter sobre as fitas, ou qualquer estofado sedoso que a isso se preste, os mais lindos efeitos de desenhos ou pintura.

PINTURA EM CERA

Arranja-se uma prancheta ou quadro de madeira que servirá de «tela» para a pintura; sobre uma das suas duas superfícies põe-se uma camada de cera fundida que se deixa secar; depois cobre-se toda a cera com fel de vaca; por último desfazem-se as tintas em fel de vaca também, e com um pincel nelas molhado se pinta sobre a cera o que se quizer.

A COSINHA MODERNA

DOIS MOVEIS INTERESSANTES



A gravura que acompanha esta secção não é portuguesa mas não é um crime ir buscar lá fora o que é bom. O Brasil foi descoberto por nós e para lá vai gente de todo o mundo...

Nas casas baratas não há quarto de banho e uma tina ocupa espaço que inutiliza geralmente o aposento onde se coloca.

Nesta cosinha de que apresentamos o desenho foi esse precalço hábilmente defendido. A tina não ocupa espaço. Bem entendido que se trata dum rez-do-chão.

A própria tampa da banheira, havendo o cuidado de a forrar pelo avesso com um capacho de cortiça servirá ótimamente de estrado e a gaveta do fogão, que fica próximo, dará, para o banho, a água quente indispensável.

Sobre o arranjo da cosinha também pedimos o olhar atento dos nossos leitores. É prático e interessante.



As duas pequeninas gravuras dão bem a idéa de duas prateleiras holandesas que é fácil mandar fazer a qualquer carpinteiro habilitado e que além do uso

prático que a sua forma lhe destina servem como ornato de uma cosinha moderna ou de uma casa de jantar de campo.

Podem ser construídas em pinho e encaustadas com um encaustico de «vieux-chêne», ou pintadas a laca e ornamentadas no estilo alentejano com flôres e grinaldas.

Ainda uma advertência.

Tratando-se de mobilar com estas prateleiras uma sala de jantar improvisada podem mandar-se construir em maiores dimensões adicionando-lhes na parte inferior uma tábua larga que, à vontade, poderá estar descida ou levantada servindo de aparador.

Hoje que o espaço falta nunca são intempestivos estes arranjos práticos e económicos de mobiliário moderno que pouco custam e são lindos.

RECEITAS CASEIRAS

MODO SIMPLES DE OBTER UM CAFÉ DELICIOSO

SEM necessidade de recorrer ao caríssimo café de Moca, procedente da Arábia, que com ou sem razão, passa por ser o mais perfumado deste mundo, podemos preparar um seu rival, utilizando o vulgar café das nossas colónias africanas, contanto que o prepararmos não com a infusão costumada, feita com água comum, mas sim com água destilada, quimicamente pura, á venda em qualquer farmácia, usando sómente cafeteiras perfeitamente limpas e enxutas.

Está provado que a água comum, pelos sais calcáreos que abundantemente contém, destroi o gosto e o aroma natural do café, ao passo que a água destilada, absolutamente neutra e sem nenhuma espécie de sal, conserva ao precioso grão todo o seu delicado gosto e delicioso perfume.

Experimentem as nossas leitoras, preparando por suas próprias mãos o delicioso licor, e digam-nos depois se não temos razão em lhes dar este conselho.

«SACHETS» PERFUMADORES

Tomem-se os seguintes ingredientes, nas proporções indicadas ao lado:

Pétalas de rosa...	250 gramas
Flôres de cassia...	500 »
Rais de lírio em pó...	500 »
Almíscar em grãos...	meio grama
Benjoim em pó...	125 gramas
Essência de amêndoas amargas, gôtas, numero...	25

Tritura-se tudo, mistura-se passa-se por um crivo fino e depois mete-se em saquinhos. Serve para perfumar papel de cartas, lenços, etc.



REJUBILEMOS. A Moda, cujas tendências até agora se não tinham bem definido, vem-nos mostrando as suas linhas gerais, os seus pormenores característicos... O Outono, estação intermediária, foi a transição.

A «silhouette» direita persiste. Para o vestido «tailleur», a saia curta mantém-se; para «soirée», porém, é chic o vestido comprido. Todos os grandes «couturiers» de Paris, em todos os modelos de «toilettes» de noite criados agora, brindam-nos com a saia comprida, muito comprida até por vezes.

Neste género de «toilettes», as anquinhãs accentuam-se; os vestidos de fitas, as rendas, o veludo...

E a respeito de casacos? Riquíssimos modelos os que Paris nos manda! As peles de lontra e castor; petit-gris; vison e caracoule estão em grande voga. O «veau mort-né» continua a usar-se para casaco, e é interessante levar-se na mão a mala feita da mesma pele.

Há soberbos casacos. Os forros ou são de pele também, ou de sedas ou setins de fantasia. Certas parisienses lançaram a moda do vestido que se leva debaixo ser de seda de fantasia igual à do forro daquele. Não é feio e a ideia é nova.

Quando não sejam todos



Casaco em castor e lontra

Casa Vergne Foto Manuel Frs



Chapéu e casaco de viagem. Modelo Lucie

Foto H. Manuel



Casa Emile

Parus Soirée Casaco laque

Foto Manuel Frs



Chapéu de veludo bordado a cores

Cora Marson

Foto Manuel Frs



Casaco de lontra Casa Vergne Foto Manuel Frs

de pele, os casacos pedem gola de pele, geralmente com punhos da mesma. Conservando mais ou menos a mesma linha, os feitos variam muito, valendo-se das combinações feitas com as peles. Pelos nossos modelos, podem as leitoras da Voga fazer uma ideia clara do que a Moda está lançando em Paris de mais moderno. Não só as nossas leitoras de Lisboa e do Porto — as duas maiores cidades do País — prezam a elegância: hoje todas as Portuguesas querem vestir bem, — e sabem vestir lindamente, uma vez que lhes facultem os elementos necessários.

A dama portuguesa é, por raça, donairosa e de bom-gosto: ela tem a intuição do belo, e por isso escolhe o tom que melhor fica à sua tez, a «toilette» que melhor veste o seu talhe. Voga honra-se de apresentar a todas as senhoras portuguesas os mais belos figurinos, as mais formosas «toilettes». Seja o vestido «para bater», seja o traje de soirée; seja o casaco chic, seja o chapéu da moda, os modelos são sempre os da semana, os mais recentes.

E já que estamos falando de chapéus: Como veem, é o feltro e o veludo que se usam. Como guarnições, algumas penas, por vezes; mas principalmente fitas, fivelas de prata ou de imitação, strass, flores bordadas ou em aplicação de veludo. Eis o que a moda exige.

MARIA LUCIA.



Feltro azul; cor-deão grosso-gran Alice



Chapéu de feltro e penas. Casa Vergne Foto Manuel Frs



Casaco em caracoule e vison



Casa Lanvin Vestido de veludo claro, cinto e gravata em escocês Foto Manuel Frs



Casaco



Suzanne Franco Vestido enfeitado a fivelas bordadas Foto Talma



Casa Vergne Casaco de Astrakan e petit-gris.

Feltro com fivela e fita. Foto Manuel Frs



Casa Vera Foto Henri Manuel



HORAS DE VIDA ELEGANTE

LUNCH E FIVE O'CLOCK

DIFÍCIL é saber dispôr com gosto e arte a mesa para a merenda, para o *lunch* ou para o chá das cinco. Há pouquíssimo quem saiba encontrar a singeleza precisa, aliada a um certo «chic» sóbrio e elegante, que forme o conjunto destinado a atrair. Comer numa mesa bem disposta é comer melhor, é comer alegremente. E refeição onde não haja alegria, não faz proveito. Hoje uma boa dona de casa deve sem-

pre ser mulher de bom gosto, que saiba pôr um toque da sua arte em cada pormenor do seu lar.

Nota-se: Bom gosto não quer dizer *luxo*. Pode uma casa estar recheada de móveis riquíssimos e ser mobilada com péssimo gosto. Pode uma mesa vergar ao peso dos cristais, das pratas, e nada ter que agrade aos olhos duma pessoa de gosto.

Uma travessa de salada fresca bem guardada, dois talheres dispostos com arte, ao meio da mesa uma rústica jarra com um



Para o chá, aconselhamos de preferência, no serviço de todos os dias, as toalhas e guardanapos de fantasia; para as visitas, a roupa de mesa em linho — fino ou grosso — bordado a Richelieu ou a ponto da Ilha.

Deveremos ter jogos singelos e jogos mais ricos, a fim de estarmos fornecidas para todos os casos.

Singelo e bonito é o desenho dos guardanapos, toalha e *napperons* que nesta fôlha «Voga» publica. E porque, naturalmente, ele vai agradar às nossas gentis assinantes, — já que neste número, por falta de espaço não

coube, — publicá-lo-hemos na fôlha grande de moldes e bordados, do nosso próximo número.

Os taboleiros, quer sejam de prata ou de madeira, deverão ser sempre guarnecidos de *napperons* bordados à mão ou enfeitados a renda. A renda de Peniche ou de bilros presta-se sobremaneira para toda a qualidade de roupa branca, seja a de casa, seja a de corpo. Há lindíssimas rendas feitas já com o feitiço dos *napperons*: ou em oval ou em rectângulo. Caso o *napperon* não seja muito pequenino e o centro dêle feito de linho, pode-se bordar neste uns motivos a Richelieu, ou a bordado da Ilha: estes deverão ser muito simples: é de melhor gosto. Sobriedade, harmonia: eis o conselho da «Voga» às suas leitoras.

Uma cestinha (ou uma dessas nossas canastrinhas de Coimbra, tão lindas), cheia de fruta artisticamente disposta; uma taça com flores — poucas mas recentes, as travessas, de louça ou vidro, bem guarnecidas, ou as chavenas elegantemente agrupadas; e, rematando o conjunto, uma toalha alvissima bordada em abertos, os pequeninos guardanapos, a um tempo simples e ricos, e a mesa está posta.

Se é a criada quem serve o chá, que ela traga avental branco bordado, um leve toucado na cabeça e o vestido preto, tudo muito asseado e bem passado a ferro. Fica bem empregar a criada apenas como uma ajudante, e o chá ser servido pela dona da casa ou por suas filhas.

Este modo de proceder dá às reuniões um ar de familiaridade que muito bem se casa com o fim das reuniões elegantes que não são de pura etiqueta, mas tão sómente pretextos agradáveis para trocar impressões e passar umas horas alegres num ambiente de requinte sem a pretensão e a rigidez das pragmáticas.

Simplicidade, bom gosto, o mais irrepreensível asseio — eis o segredo das boas donas de casa e o encanto das recepções verdadeiramente elegantes.

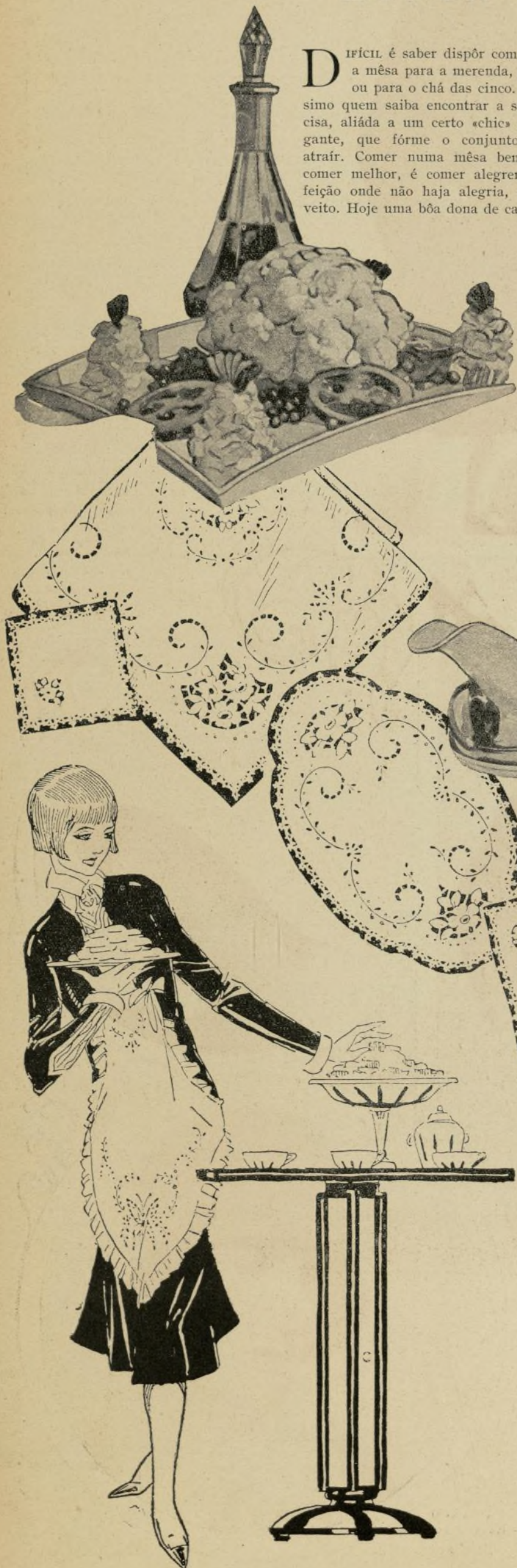
mólho de flores — e eis, singela e atraente, a mesa do nosso *lunch*.

Que a louça, clara e lusúdia de asseio, tenha um desenho simples de alegre côr. Que os talheres, muito bem areados, rebrilhem como prata, ainda que dêste metal não sejam. Que as flores, mesmo vulgares, tenham frescura nas corôlas e água clara a banhar-lhes os verdes pés viçosos.

Se é o chá que nós temos que servir, sejam as chavenas do mesmo serviço que o bule, o assucareiro e a leiteirinha: uma fãiança de sóbrias linhas e côres lisas. Só para chá de cerimônia aconselhamos as finas porcelanas, os serviços antigos da Índia, do Japão ou da China.

Usam-se muito, actualmente, os serviços para chá em prata ou em metal niquelado. São também de bom gosto. As colheres terão que ser, ou de prata ou de metal branco, alpaca, etc.

Quanto à roupa de mesa, essa deverá ser sempre dum irrepreensível asseio: Se for de linho branco, a sua brancura será sempre imaculada. Há quem use de preferência o linho crú, imitando linho antigo: — é um tecido lindo. Existem, igualmente, os panos de fantasia em xadrez ou desenhos alternados, que dão combinações interessantíssimas.



O HOMEM QUE ASSASSINOU

Claude Farrère

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

QUANDO se dobra a ponta do antigo Serralho, é noite fechada. Já quasi não há barcos no Corno de Ouro. A grande ponte, há pouco tão buliçosa, está agora quasi deserta; a sua massa irregular e confusa avulta desmesuradamente, na sombra. Acostamos e desembarcamos. Nesta ocasião páro sempre, encosto-me ao para-peito da ponte, e demoro-me a contemplar a prodigiosa visão da Stambul nocturna.

E a visão começa ali, ao pé de mim, na extremidade da ponte onde eu estou. A cidade desce até ao mar. Nem mesmo sei onde começa o mar e onde acaba a cidade, porque muitas casas mergulham as suas estacas na água, e inumeráveis barcos se apertam contra as casas. Emaranhado labirinto de estacas e de mastros, de terraços e de querenas. Labirinto na sombra: poucas ou nenhuma luzes aparentes, nesta massa gigantesca que se estende de leste a oeste, indefinida. A cidade desce até o mar, e sobe muito pelo céu. Vejo como que uma escarpa de casas amontoadas umas sobre outras. No cimo, mesquitas redondas e minaretes agudos emergem aqui e ali, entremeando-se com as estrélas. Não se distingue bem nenhum contorno, devido à cor azul uniforme, um azul brumoso e leitoso, perfeitamente igual ao azul do céu constelado.

Penso nas águas-fortes medievais: castelos angulosos, torres ameçadas, torreões, guaritas lizantes, pontes levadiças, cadeias, fôrças, sentinelas de alabarda, e no fôso, si-tiantes erigidos de ferro... Mas esta água-forte é mais extraordinária que tudo...

O Bósforo, pastel, Stambul, água-forte... Que cenário para uma bela peça trágica à maneira antiga, sentimental e sangrenta, com duetos de amor e feroz carnificina! Mas, aí! o tempo de carnificinas e de duetos, há muito que passou!

VI

24 de Agosto.

Almocei esta manhã em Terápia, no palácio de França, a sós com o embaixador — Sua Excelência Narciso Boucher. Como há quinze dias que ando a fazer salaam e a beber chá em todos os salões diplomáticos de Pêra e do Bósforo, já se vê que tenho conhecido multidão de indivíduos de todos os géneros, e nesse número alguns de personalidade vincada. Sem embargo, é ainda a este velhote, apagado, grosseiro e caquético, que eu dou a palma, a despeito daquela mesquinha aparência, e da idade, que o põe fora do nosso tempo.

Narciso Boucher... Que contrastes hofmannescos neste velho de rude face aldeã mal desbastada, e que foi o homem extraordinário cujo nome ninguém ignora, o bilionário francês rival dos Vanderbiltes e dos Rock-féllers! Filho de um caseiro do Franco-Condado, órfão aos dez anos, sem eira nem beira, moço de quinta, depois criado de lavoura, tal foi a sua entrada na vida. Por que artes mágicas vai ele evadir-se da gleba, onde parece ter já os pés enterrados? Nenhuma sonâmbula o poderia adivinhar. Mas aos vinte anos, Narciso Boucher está em Paris, aluno do Conservatório, e logo no primeiro concurso, obtém o primeiro prémio de violino. Ei-lo sagrado grande artista, e possivelmente o é. Em todo o caso, tem a carreira traçada, o êxito seguro... Não. Os concertos públicos, as audições mundanas não são para ele. É demasiado rústico, está muito sujo da terra de origem. Fracassa. Renuncia à arte. Desaparece. Longo eclipse.

Outro pulo, e segundo avatar, mais misterioso que o primeiro: Narciso Boucher reaparece, de repente, milionário. Tem quarenta anos. É industrial, negociante, financeiro, tudo, tudo ao mesmo tempo. Dá no seu palácio festas arrogantes; e às vezes, perante trezentos convidados, toma outra vez, zombeteiro, o seu antigo violino e sente prazer em ser aclamado, agora que é rico, por este mesmo Paris que o pateava, quando era pobre. A política atrai-o. Os partidos solicitam-no. Esquiva-se habilmente. Reserva-se, espera a sua hora. É espalhando o pânico na Bôlsa que ele derruba os ministros, quando os ministérios lhe desagradam. Até o dia do famoso litígio africano, das ameaças alemãs e da mobilização inesperadamente decretada — e inesperadamente sustada: porque Narciso Boucher, em vinte e quatro horas, lançou no prato francês o peso formidável da sua omnipotência financeira, e conserva, suspensas sobre a Alemanha, a bancarrota e a fome, prontas a cair sobre ela à primeira voz. É a paz, imposta. E Narciso Boucher, diplomata irresistível, conquistou bem o seu título de embaixador, o título pomposo que a sua vaidade ambicionava.

Boucher reina aqui num palácio de lenda, no meio de um parque de conto de fadas. Ei-lo na sua grande sala repleta de prodigiosas antiguidades persas, presentes de vizires ou de sultões. Ei-lo: sempre e em toda a parte foi igual — comprido, magro e flácido, o nariz judeu caído sobre o queixo seco; a sobre casaca muito luzidia, e a gravata de cordão completam a desageitada figura dum prefeito de colégio reformado. Demais, a idade dobrou-o em Z, como a gota tinha dobrado Scarron. Vai da porta ao fauteuil, resmungando, arrastando os pés, soluçando. Mas logo que se senta, fixa-nos, e nenhum pintor de qualquer século seria capaz de copiar aquele olhar duro e manhoso, brutal e desconfiado, imperioso e sagaz... Fala: outra surpresa; com voz provinciana, carregada de um acento nativo arrastado, exprime-se numa gíria quasi de campônios, com frases grossas e bonachonas, onde a astúcia parece sempre cosida com fio branco. Foi, todavia, esta voz grosseira que ditou a retirada dos regimentos alemães, já em ordem de batalha...

Estranha, estranha personagem, desconcertante, inquietante...

Tantas aparências mesquinhas, tantos recantos medíocres ou grotescos! As suas manias de antigo pequeno proprietário, o seu respeito, à maneira de Jourdain, pelos títulos heráldicos, a humildade da sua origem, que ele exagera por uma espécie de ostentação... Nenhuma inteligência filosófica, nenhum espírito geométrico nem subtilidade; e todavia que cérebro claro, varrido de mil poeiras que obscurecem o entendimento humano! Varrido também de muitos escrúpulos. Mas a razão do Estado, a «causa do Príncipe» assim o exige. Não se reparava tanto no tempo dos meus avós... E de resto, lá está o violino, o violino de Ingres, para tudo envolver, diplomacia e finanças, numa harmonia imprevista, mais paradoxal que tudo o mais. Narciso Boucher é, antes de tudo, um diletante...

Almoçamos sós. Narciso Boucher nunca teve mulher, nem filhos, nem nada que pudesse, em qualquer ocorrência, carregar ou embaraçar-lhe o barco, e apresentar a seus inimigos um alvo atingível. Nem sequer tem sobrinhas, rara maravilha para um dos reis da nossa República, onde estão em moda as famílias unidas...

Tinham-me prevenido de que Sua Exce-

pitoresco, da Turquia e dos seus habitantes. O preâmbulo não foi despedido de originalidade. Acabávamos de nos sentar à mesa, e pela larga janela aberta, eu admirava o Bósforo e as colinas da Ásia. Ele prendia o guardanapo em volta do pescoço.

(Continúa).

"VOGA"

oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. Dirigirem-se á sua Directora. Rua Anchieta, 52

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA} 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COURS SUPÉRIEUR

TELEPHONE: C. 2008

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 26, 2.º

EXTERNATO E SEMI-INTERNATO

Frequentado por meninas da melhor sociedade

Instrução franceza completa — Curso dos liceus, inglez, musica, etc.

Pedir referencias e informações



"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados....		45\$40	88\$80
India, Macau e Timor.....		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		46\$40	90\$80
Brasil		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		56\$80	111\$60
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Exemplares registados....		60\$80	119\$60

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$000 esc.; pelo correio, oculto 26\$000. Preço do n.º 3, 40\$000 esc.; pelo correio, 42\$000. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25\$000 esc., pelo correio 26\$000. Estes produtos são completamente inofensivos e tem sido usados por muitas Senhoras, algumas das quais, esposas e filhas de medicos.

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL

PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intóxica a pele, nem a faz lúsidia e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

Preço 10\$000 esc.; pelo correio 11\$000

O MAIOR INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aformoseia a pele, dando-lhe frescura e aveludado persistentes. É insubstituível para evitar a FORMACÃO DAS RUGAS. Não faz crescer os pelos como succede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9\$000 esc., pelo correio, 10\$000.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

Tambem se vendem na Farmacia Luso-Britanica, FUNCHAL e Farmacia Pinheiro, HORTA-FAIAL.

CABELEIREIRO

DE SENHORAS

CORTES de cabelo pelos ultimos figurinos a senhoras e crianças. ONDULAÇÃO MARCEL, Decolorações, PINTURAS em todos os generos, por pessoal habilitado sob a direcção de ALEXANDRE PERESTRELO, no

Salão Elegante das Avenidas. — Telefone 49-A, Avenida da República, 49-C Norte 5 689

DEMÉTRIA CASTRO PEREIRA

ROBES ET MANTEAUX

Chegada há pouco de Paris, onde foi adquirir as últimas novidades nas principais casas. Mostra a sua colecção de modelos de inverno.

Avenida da Liberdade — Entrada, Largo da Anunciada, 9, 2.º — Telefone N. 3107

SALÃO MODERNO

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Rua do Carmo, 90, r/c.

O mais bem montado salão da Capital, com artistas devidamente habilitados

ESPECIALIDADE EM APLICAÇÕES E PINTURA

Rua do Carmo, 90, r/c.

LISBOA

Telefone: Norte 2731

UM MOLHO DE FLORES

— **C**OMEÇOU a minha conversão deve haver uns dez anos, dizia-nos o escultor Pedro Estrel — isto é: a minha conversão ao trabalho. Antes dessa época — de entre vós talvez alguns ainda se lembrem disso — era eu o mais doido; o mais boémio, o menos trabalhador dos homens. É certo que possuía, no fundo da consciência, o remorso de assim desperdiçar o melhor tempo da minha vida. Mas eu mandava calar o remorso, dizendo, como tanta gente:

«— Depois trabalharei, depois tomarei outro rumo.»

Deus sabe quando chegaria esse «depois» sempre adiado pela minha cobardia, se a Providência não tivesse operado em mim um verdadeiro milagre.

Nessa primavera, a Festa das Flores tinha sido extraordinariamente concorrida. Nos passeios da Grande Avenida via-se uma multidão imensa, espalhada pelas alamedas, e até sobre a relva luzidia.

La eu de carruagem com uma actriz hoje célebre, mas nêsse tempo debutante.

Ela estava rodeada de rosas — daquelas rosas pálidamente côr de rosa: flores admiráveis, meio desabrochadas, duma ténue e lindíssima cambiante.

Tinha eu feito loucuras para satisfazer essa fantasia, e achava mal recompensado o meu esforço. A minha companheira de viagem ia de mau humor: estava amuada porque a modista lhe faltara com o vestido prometido: quem sofria com isso, agora, era eu. De tantas flores que leváramos, ela nem sequer uma só atirava, nem mesmo querendo aceitar aquelas que lhe deitavam. Quando o fundo da carruagem se encontrava atulhado de flores, ela, com um gesto enfurecido, pisava-as, atirando com elas para a rua.

* * *

Havia já algum tempo que esta comédia durava, quando avistei uma pequenina, vestida de luto, que, em riscos de ser esmagada pelo rodar da multidão de carruagens, vinda de todas as direcções, ia contudo seguindo a nossa.

Era um ente pequenino — oito anos talvez; — vestia com asseio, trazendo um chapéu de crêpe; não tinha porém semelhança alguma com as vendedoras de flores que, assim como ela, iam passando por entre as carruagens.

De resto, essa não apanhava os ramos na intenção de os ir tornar a vender, nem tampouco para gratuitamente tomar parte na batalha.

Notei que ela as segurava em mólhos sobre o seu braço pequenino e grácil; notei também — o amúio da minha companheira de viagem dava-me ensêjo de observar as coisas derredor, — que a pequenina de luto escolhia e só apanhava de entre os ramos abandonados, as flores brancas ou lilazes.

Ignoro quanto tempo teria isto durado, se o nosso cavalo, assustando-se, não tivesse de repente recuado.

A pequena, nêste momento toda entregue à sua colheita, abaixára-se; e o estribo da carruagem foi-lhe bater na testa, derrubando-a.

Saltei em terra, e, enquanto o cavalo, espantadíssimo, apesar dos esforços do cocheiro, ia levando a distancia a carruagem, eu levantava a criança, indo a correr depô-la sobre a relva dum canteiro. Não estava ferida; o chapéu preservára-a; sómente o chôque a aturdira.

Daí a momentos voltava a si do seu breve desmaio. Como era de esperar, os curiosos já nos rodeavam; a pequenita envergonhada ao vêr tôda aquela gente em redôr de si, abaixou a cabeça, timidamente. De repente, notando que já não possuía as flores, desatou a chorar, gritando através do seu soluçar:

«Os ramos!... Os ramos da mãesinha!...»

No meu papel de salvador, eu via que, assim como a criança, eu era objecto da curiosidade da multidão, — e não me agradava nada isso. Para acabar com esta scena, peguei na pequenita pela mão e levei-a, prometendo-lhe flores ainda mais lindas do que essas que ela havia perdido.

Próximo dali, encontrava-se uma barraca de florista. Ao vêr um formoso feixe de lilazes brancos, as lágrimas da minha pequena protegida secaram-se-lhe.

Comprei-lhe as flores e compuz-lhas nos braços.

Mas o ramo era tão grande e a pequenita tão fraquita! Assustou-se com o peso da sua colheita, e, ingénua, com um sorriso de súplica, perguntou:

— Se o senhor quizesse levá-las a casa... É tão perto daqui!...

Lancei os olhos sobre o desfile que ia seguindo... Acolá, muito longe, vi a carruagem das rosas côr de rosa; o cavalo acalmára-se. Reconheci o chapéu da minha amuada ami-

ga, e muito perto — tão cêdo, meu Deus! — um chapéu alto de homem: — alguém já me usurpára o lugar...

Disse à pequena de luto:

— Vem, ensina-me o caminho.

* * *

E, dando-lhe a mão, segurando com cuidado o molho de lilazes brancos, fui levado pelo meu guia.

Em Passy, numa rua escura — que hoje, creio, já não existe — a minha recente amiga, parou em frente duma casa vetusta, de aspecto decente mas pobre.

— É ali, disse ela, que môra a avósinha; o senhor quer vê-la?

Senti mais intensa a pressão da mão que não abandonára a minha: evidentemente queria levar-me mais longe... Durante o trajecto conseguira apenas obter vagas respostas às minhas perguntas, e obrigado pelo chapéu de crêpe, o rosto da minha protegida conservára-se oculto. Agora, porém, ela erguera a cabeça, sorria, e pude vêr os seus olhos lindos e muito graves, cujo olhar entristecia vêr, em um ente tão pequenino.

Aquêles olhos, há bocado, tinham-me obrigado a levar um feixe de flores; agora levavam-me através dum corredor sombrio onde a criança me estava conduzindo.

A Avó veio abrir: parecia muito idosa e doente. A criança pediu-lhe logo perdão; compreendi que a pequena tinha ido ao bosque sem licença.

Disse, falando devagar, que tinha ido até lá apanhar «flores brancas para amanhã».

E a velha senhora pôs-se a chorar.

— Amanhã, meu senhor, explicou ela, é o aniversario da morte da mãe dela...

Eu tinha entrado, tomára no meu colo a minha amiguinha que agora narrava como caíra. Tranquilei a Avó: «Não; a criança não sofria».

Os lilazes, que eu depuzera numa velha mesa de pano gasto, pareciam exilados, eu próprio sentindo ainda nos olhos o vai-vem da multidão em dia de festa, nos ouvidos a bulha alegre, as filarmónicas, as gargalhadas, o bulício da batalha de flores, eu próprio me sentia deslocado.

Despedi-me apressadamente.

* * *

No dia seguinte, levado não sei porque estranho sentimento, voltei a informar-me da minha amiguinha.

Encontrei a casa em alvoroço; durante a noite a avó tinha-se finado...

Subi, com o coração prêso de tristeza. A pobre pequenina, de luto, chorava de mansinho junto ao leito onde repousava a avó, e sobre os joelhos da defunta os meus lilazes brancos jaziam.

A porteira, lamentando-se, disse-me que a orfã se encontrava sósinha no mundo, sem recursos, uma fraca renda vitalícia que possuía a Avó, tinha-as até ali protegido da fome.

— «Elas tinham apenas o indispensável para viver — disse a mulher. Ainda ontem a pequena me disse:

«A avó chorou porque é amanhã o aniversario da mamã e a gente não tem flores para levar ao cemiterio...»

Pedro Estrel fez uma pausa, não querendo disfarçar uma comoção que nenhum de nós poderia achar pueril. Depois de um momento, prosseguiu:

«A criança chama-se Madalena.

«Não quis que ela entrasse para a Assis-tência; enternei-a numa boa casa de educação.

«De um dia para o outro a minha vida transformou-se. Parecia-me que aceitando essas responsabilidades eu tivera perdido o direito de desperdiçar uma existência da qual outra existência dependia. Imaginava eu, o celibatário basonador, ter de repente conquistado a dignidade de pai de família.

«La vêr a «minha filha», scismava no seu futuro; trabalhava com a ideia de lhe dar um dote.

«A minha filha cresceu... Hoje tem dezanove anos. Daqui a dias sai do internato. Refleti largo tempo. Largo tempo perguntei a mim mesmo o que faria dela.

«Tenho quarenta anos. Não sou, portanto, assás idoso para viver com uma menina, sem dar que falar ao mundo. Pensei: «Vou casá-la». E fui perguntar-lhe o que ela pensava acerca do casamento.

«Ela nem sequer um momento hesitou. Com o mesmo sorriso — o mesmo, não — mais convincente ainda — aquêl sorriso com que outróra me enleára com os seus lilazes e me arrastára até sua casa, — Madalena respondeu-me:

— Sim, meu grande Amigo, eu desejo casar... se é com Você, eu caso...»

E é, realmente, comigo, que ela casa, — concluiu Pedro Estrel.

E após um minuto de silêncio, acrescentou, comovido:

— Querida Madalena! E eu que de há tanto a adorava, sem querer confessá-lo a ninguém... nem sequer a mim próprio!»

MARIA CECÍLIA.

A MODA NAS CORRIDAS



G R A F O L O G I A

A NTE os olhos de alguém conhecedora dos mistérios das Ciências Grafológicas, as letras vulgarmente ditas «disfarçadas», não passam de uma dissimulação inútil.

Com efeito, é tão impossível disfarçar a escrita corrente, como cuidar das expressões fisionómicas durante o sono.

Os caracteres tipográficos às vezes adoptados em certas cartas anónimas, sempre que são submetidos a uma sapiente análise grafológica, não passam nunca de uma máscara transparente aplicada sobre o rosto do seu autor.

É que, um mentiroso que pretende fazer-se passar por um indivíduo dotado de qualidades perfeitamente opostas, poderá fornecer ao exame grafológico, uma página cuidadosamente escrita com uma caligrafia traçada pausada e cautelosamente, não obstante desde que a sua escrita é sempre um conjunto de linhas rectas e curvas, todos os sinais característicos da sua fraqueza, dos seus defeitos e da sua fraude, serão traídos pelos seus traços e a dissimulação em vista, tornar-se-á simplesmente inútil aos olhos de quem conheça grafologia.

Assim, se à primeira vista parece ser fácil disfarçar a escrita pessoal, é contudo absolutamente impossível manter esse artifício de maneira a ocultar as características grafológicas da sua personalidade.

Este fenómeno é tanto mais fácil de verificar quanto maior é o cuidado havido em dissimular a escrita traçada — porque a mesma mão é sempre impulsionada pelo mesmo cérebro excepto... quando a pessoa cujo grafismo se pretende analisar se encontra sob uma influência psíquica muito especial, como por exemplo, nos estados profundos da hipnose ou em transe super-físico.

Perante uma análise grafológica minuciosa, todas as máscaras mistificadoras se abatem e sómente a verdade natural e sem sombras surge a revelar-nos com toda a sua simplicidade, a fisionomia moral e física do trapaceiro.

CONSULTÓRIO GRAFOLÓGICO

Sempre que as conclusões obtidas pela análise grafológica dos documentos enviados, não correspondam à expectativa das nossas clientes ou resultem aparentemente erróneas, aceitaremos de bom grado qualquer crítica, apontando-nos os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

O pedido de consulta deverá ser acompanhado pela quantia de Esc. 1\$00 — um escudo — e a resposta será publicada nesta secção sob o pseudónimo indicado e com a possível brevidade.

Sempre que se deseje reaver o documento enviado para análise, basta juntar um envelope devidamente endereçado e estampilhado.

N.º 7 — Violeta — Leiria. — Sensitiva, exposta a ideias pessimistas. Imaginação exaltada e susceptível das maiores excentricidades.

Bondade reflectida mas inconstante.

N.º 8 — Maria da Graça — Algarve. — Vaidade, habilidade, garridice.

Um pouco cruel e fria recusando-se por orgulho natural, a corresponder à simpatia de alguém que só lhe quer bem.

N.º 9 — Juvenil — Porto. — Modesta e simples, amando a cordura e a naturalidade.

Um pouco dissipadora de gestos, palavras e... finanças.

N.º 10 — Luz — Figueira da Foz. — Delicadeza de espírito, sabendo bem impôr-se pela sua graciosidade de apresentação e maneiras.

Um quasi nada vaidosa, talvez por se reconhecer bastante lisonguada.

Como, porém, é bastante bondosa, aceitará certamente indicação, a fim de com mais facilidade poder corrigir-se.

N.º 11 — A. M. N. — Lisboa. — Um temperamento bastante caprichoso embora bastante sóbrio de gestos e atitudes.

É audaz e bastante económica e o seu único defeito consiste em mostrar-se um pouco adúladora e sofista.

N.º 12 — Odette — Évora. — Reservada, pouco expansiva sob o desejo de apresentar-se sempre bastante indiferente e calma a todas as alegrias e tristezas.

Bastante voluntariosa, permita-me o termo — teimosa — ocultando sob esse seu manto de gelo o temperamento vivo e exigente de uma verdadeira meridional.

N.º 13 — Silva — Lisboa. — Modesta, passional e romântica.

Os seus gostos são simples e obedecem mais

aos seus instintos do que à influência da época ou do meio.

Há no seu autógrafo uma determinada tendência para um estado de neurastenia evidente.

Tente aproximar-se mais um pouco da realidade alegre de uma existência ridente e luminosa e verá como esse seu estado de espírito desaparece.

N.º 14 — Helvética — Porto. — A assinatura simplesmente por si, não basta para um estudo grafológico verdadeiro.

Queira enviar-me um documento completo e traçado sem a preocupação de que vai ser sujeito a uma análise grafológica.

N.º 15 — F. C. T. — Coimbra. — Bondade sem artifícios ou dissimulação.

Consciência limpa, sabendo viver bem consigo própria e as pessoas que a rodeiam.

Afectividade sincera e sem artifícios.

Um bom carácter em toda a acepção da palavra.

☞ ☞ ————— ☞ ☞

C H A P E U S

DE SENHORA E CRIANÇA
PALHA, FELTROS E SETINS
ULTIMOS MODELOS
TINGEM E TRANSFORMAM
OFICINA ANEXA

PELAYO RODRIGUES, L.^{da}
Rua Augusta, 220, 1.º — Telefone N. 4204
LISBOA

☞ ☞ ————— ☞ ☞

Ramiro Leão & C.^a

SECÇÃO DE MODAS

A partir de segunda-feira 24 de Outubro apresentam a COLEÇÃO DE MODELOS ADQUIRIDOS EM PARIS. — A passagem efectua-se todos os dias às 3 1/2 da tarde

PREMIÈRE FRANCEZA

SEDAS E LÃS PARA VESTIDOS

GALÕES, BOUCLES, APLICAÇÕES

CURIOSIDADES

EM QUE ÉPOCA APARECERAM...
...OS CHAPEUS?...

As nossas «arqui-antepassadas» começaram, há muitos séculos, por usar na cabeça, toucas de pano que revestiram as formas mais fantásticas e mirabolantes como, por exemplo, os henins cónicos ou piramidais, que chegaram a atingir 70 centímetros de altura.

As mulheres da Fronda criaram largos chapeirões de feltro, empenachados. Este género de chapéus esteve em moda para acompanhar, em especial, fatos de caça ou de cavalaria.

No século XVIII o chapeirão passou a tri-cornio.

De 1775 a 1785, Mademoiselle Bertin, modista de Maria Antonieta, criou e impôs os arranjos de cabeça mais espantosos, com montanhas de cabelos, de fitas e de gases encimadas de edifícios decorativos em cartão ou fôlha de Flandres.

As pessoas de bom gosto reagiram contra estas loucuras. Começou a aparecer o chapéu simples, o chapéu de palha de Itália, o mirliton, a toque de Napoles, e depois o célebre turbante de Lady Hamilton.

As vitórias guerreiras de Bonaparte deram origem a uma moda de chapéus em forma de capacete. Nos primeiros tempos do Império surge uma espécie rara de chapéu, em forma de capota de tilbury, e que se chamavam invisíveis, pois que escondiam por completo, o rosto. Caricaturas há, desta época, que nos mostram chapéus desta classe em que se praticaram postiguinhos nas abas para que a possuidora se apossasse a vêr a rua!...

Leroy, fornecedor da Imperatriz Josefina, imaginou alguns chapéus inspirados nos arranjos de cabeça da antiguidade clássica. Nesta época tinha Josefina uma colecção de duzentos e cinquenta chapéus, e Hortense, sua filha, adorava os chapéus de palha em abertos que colecionava com idêntica prodigalidade.

Foi este Leroy quem, no fim do primeiro império, lançou o modelo Pamela, capota de grandes abas e côpa alta, que obteve o mais vivo sucesso... Apareceu logo a seguir o volumoso chapéu que ficou na história da moda com o nome de cabriolet. Só então, na reacção contra estes exageros, começaram, a sério, as modas de chapéus para as senhoras que atingem, na nossa época, a categoria de uma verdadeira e opulentíssima arte.

☞ ☞

OUTONO EM LONG-CHAMPS

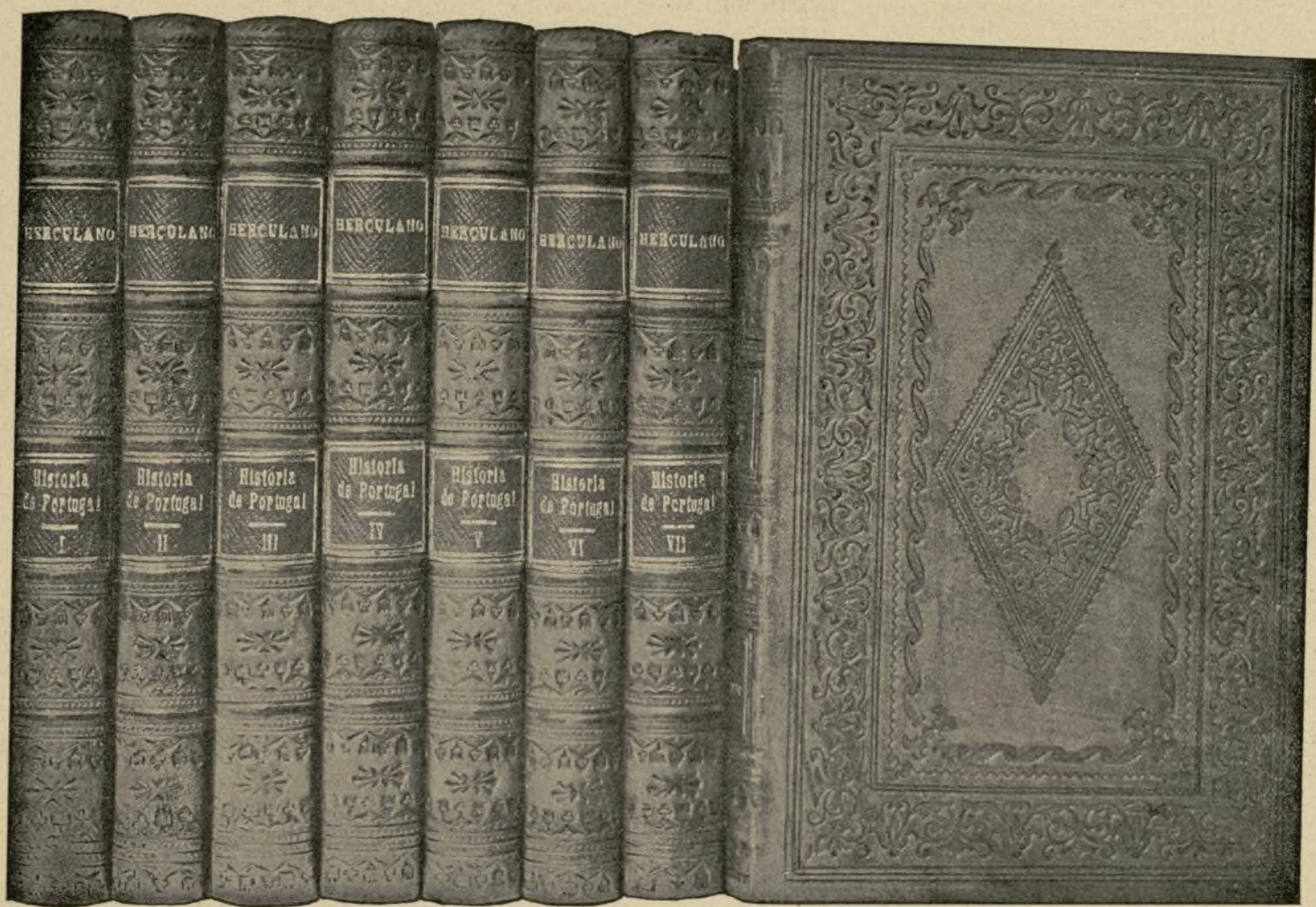


HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM OUTUBRO O VOLUME V

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10\$00
Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro Esc. 14\$00
Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
Brochado Esc. 12\$40
Encadernado em percalina Esc. 16\$40
» » carneira. Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos

AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BINÓCULO

Há logares que no teatro ficam anónimos.

O que brilha à luz da rampa é o artista, o autor, o scenógrafo. Alude-se ainda à modista que ideou um novo talhe, uma nova combinação de nuances.

Fala-se também do cabeleireiro, e, muito vagamente, de uma criatura de gosto que deu em alugar móveis para as peças. O ponto, também o público sabe que existe... E acabou-se. Do realizador, nem palavra. Do maestro que ensaiou uma partitura, muito menos.

Vem a talhe de foice, agora que está por cá a Korobok, contar o que se passou com esta companhia por ocasião da sua primeira visita a Lisboa.

Ao embarcar em Paris a Korobok, adoeceu gravemente o maestro da *troupe*. Grande aflicção.

Alguém indica ao empresário um maestro substituto, o sr. Serge Georgioski, pessoa competíssima, etc., etc.

Como não era possível ensaiar no «Sud», ensaiaram logo à chegada ao teatro. Durante duas, três, quatro horas, o sr. Georgioski que, ao que parece, via a *pauta* pela primeira vez na sua vida, estafou músicos e artistas. O que resultava da batuta do *soi-disant* maestro era uma chinfrreira de tal ordem que dir-se-hia que Rilhafoles era no Teatro São Luís. Não ponde haver espectáculo.

A noite, novo ensaio do sr. Georgioski...

No dia seguinte, se abnegadamente o maestro Flaviano Rodrigues não empunha a batuta, a Korobok ainda estava por estreiar...

Mas o público não soube que Flaviano Rodrigues realizou esse milagre sem preparação alguma!...

✻ ✻

Da bem informada secção teatral do «Diário de Lisboa», retirámos a seguinte nota, publicada esta semana: «Partiu ontem para a sua casa no Douro, o actor Grijó, parece que por se terem gorado as negociações para a constituição da nova Companhia Aura Abranches, de que faziam parte Adelina Abranches, Antonio Sacramento e Rafael Marques».

Tal qual como sucedeu com os políticos: «S. Ex.ª», não tendo podido organizar ministério, retirou para as suas propriedades no Algarve... E, mal comparando, uma Companhia teatral é como que um ministério.

Há os *papáveis* à espera de vez e movendo todas as influências para obterem uma pasta. Cada actor tem o seu partido *político-teatral*...

Defensores intemeratos de um nome, que

✻

DONDE VÊM OS LENÇOS?

O lenço apareceu na Europa, em Veneza, aí por meados do século xv. Era de forma oval, o que demonstra que, quando o marajah de Kapurtala quis, há quatro anos, lançar de novo a moda do lenço elíptico, não fazia inovação alguma, coisa que, de resto, acontece muitas vezes com as criações novas em matéria de indumentária.

O lenço foi rapidamente adoptado em França, na corte de Henrique II, mas durante muito tempo foi considerado objecto sumptuário, de tal forma que, um édito publicado em Dresde em 1595, não permitia, senão aos nobres, o uso do lenço.

Como é melancólico, pensar que Julieta, Isolda ou a divina Laura, se assoavam simplesmente ao seus lindíssimos dedos!

Nos séculos xvi e xvii continuaram os lenços a ser, em geral, ovais e só uma ordenação de Luís xvi, em 1785, lhes impôs a forma quadrada a requerimento dos tecelões que tinham grandes perdas de tecido para lhes dar a forma oval.

Usavam-se duas espécies de lenços: um

OS MAIS LINDOS OLHOS DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

ENCERRA-SE HOJE O NOSSO CONCURSO QUE TEVE UM EXITO MUITO ALÉM DA NOSSA ESPERANÇATIVA

VOGA ENTREVISTARÁ A VENCEDORA DO CONCURSO—A QUE MAIOR NÚMERO DE VOTOS OBTIVER—ACOMPANHANDO ESSAS IMPRESSÕES DE AMPLOS DADOS BIOGRÁFICOS E DE UMA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA ESPECIAL

NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS OS NOMES DAS ARTISTAS CUJAS FOTOGRAFIAS ILUSTRARAM AS PÁGINAS DE VOGA. E DAREMOS TAMBÉM A PRIMEIRA APURAÇÃO DOS VOTOS RECEBIDOS.

TODOS OS RETRATOS PUBLICADOS SÃO DA

Foto Brasil



COUPON

Os mais lindos olhos da Scena Portuguesa são os da actriz:

(Assinatura)

✻ ✻

muitas vezes é uma bandeira, e pela qual se sacrificam.

Aquêle que fôrma ao lado de Chaby, briga implicitamente com todos os colegas inimigos de Chaby... E arrosta mil dissabores sem outra compensação além da que lhe dá generosamente a sua consciência, por haver sido leal... Quem diz Chaby diz outro nome qualquer...

Mas também sucede—tal qual nos arraias dos políticos—que há artistas que

estão com todos os partidos. São esses, os felizes.

Mudam duma hora para a outra de opinião, de ideal, de resoluções. Aos inimigos ferocíssimos de ontem, aperta-se a mão.

E fica muito bem. É até *chic*... Isto de *virar a casaca* está na moda...

✻ ✻

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

✻ ✻

EU NÃO SEI...

LIMPAR RENDAS PRETAS

Lavam-se com cerveja quente, passam-se a ferro como ficou dito para as fitas, mas tendo o cuidado de bem as endireitar, para evitar que fiquem enrugadas.

PARA REJUVENESCER O VELUDO VELHO

Começa-se por limpá-lo esfregando-o brandamente com uma escova molhada em álcool depois molha-se o avesso numa mistura, em partes iguais, de água e álcool e passa-se, estendendo bem, o pelo para cima sobre um ferro muito quente que uma outra pessoa segura com as mãos ambas.

ENDIREITAR O VELUDO

Basta expô-lo um momento aos vapores da água a ferver.

INCONFIDÊNCIAS

Os jornais já pormenorizaram em todos os tons, a *tournée* Ilda Stichini às Ilhas. A 22 do corrente, se é dado neste cantinho do mundo, VEUT... a uma mulher que tem ideal e que trabalha, realizar as suas aspirações... A hora da «Voga» entrar na máquina, movem-se, em Lisboa, altas influências para que Stichini não parta. Irá? Não irá?

«Voga», que não é agoirenta, profetiza que sim. «Que sim, sempre sim!», como diz o grande Mascagni.

Até agora, debalde teem querido entorpecer-lhe a acção, sob os pretextos mais risíveis. Mas Stichini vai às Ilhas porque o público a quer lá e as assinaturas estão cobertas. E porque tem o direito de ir... nem mais.

Falta a novidade para as leitoras da «Voga»:

A volta, Stichini cumprirá contractos em Coimbra, Caldas da Rainha e Felgueiras, indo estreiar-se no São João, do Porto, (aonde fará também o Carnaval), com a peça de Géraldy e Spitzer, «Meu Marido», «Son Mari», no original.

Em Abril iniciará em Lisboa a sua grande temporada, dando-nos algumas das suas criações mais recentes.

Entre elas, a peça católica de Henri Ghéon, «Wang, três vezes sábio», na tradução do dr. Alfredo Cortês, o consagrado autor de «Lourdes».

✻ ✻

ECOS DISTANTES

O NOSSO CONHECIDO ERNESTO VILCHES teve a sua companhia desmantelada em Bogotá (Colômbia).

Uma série de fatalidades acometeu o interprete insigne de «Wu-Li-Chang». Internado numa casa de saúde, por causa do seu sofrimento crónico de estômago, aí se demorou durante mês e meio.

Poude, enfim, trabalhar com alguns pouquíssimos companheiros que se lhe conservaram fieis, estreitando uma comédia do poeta columbiano José Umaña Bernal. Deve ir já a caminho de Nova York, onde vai ser operado por um especialista.

O correspondente do A. B. C. de Madrid, entrevistou-o na véspera da sua reaparição, ainda no Sanatório. Vilches estava muito combatido, desanimado.

— Quais os seus projectos?

— Voltar a Espanha, para reorganizar a Companhia. Representarei em Madrid, Sevilha, Barcelona, Lisboa, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Depois, fixar-me-hei definitivamente em Espanha.

— Algumas peças novas, no seu regresso à Europa?

— Sim, o «Professor Klenow» e «O Diabo»... São as minhas novas ilusões.

✻

MEDICINA CASEIRA

HIGIENE DA BOCA

Se há inflamação na boca, tomam-se primeiro alguns colutórios emolientes de água de borato de soda quente, e depois, para combater a dor de dentes e enrijar as gengivas, usa-se o licor seguinte:

Tintura de benjoim... 150 centigramas
Alcool... 15 gramas
Ácido tânico... 150 "
Essência de hortelã-pimenta... 15 gramas

Deitam-se algumas gotas deste elixir numa colher grande cheia de água e garga-se durante cinco minutos.

Quando não haja dor, para lavar a boca use-se:

Quina amarela... 5 gramas
Magnésia calcinada... 5 "
Cré preparada... 5 "
Salol... 1 grama
Essência de hortelã-pimenta... 10 gotas

Este pó dentífrico é excelente para manter bancos os dentes, desinfectar a boca e perfumar o hálito.

UM APOLO MEXICANO

... **E**is como, com propriedade, se pode chamar a Ramon Novarro, o artista favorito dos públicos femininos, aquele que passa por ser «o homem mais bonito do mundo». Herói de mil aventuras românticas no filme e na vida, povoando os sonhos de muitos milhões de raparigas bonitas, plasticamente perfeito, lindos olhos negros expressivos e doces, feições duma regularidade de estátua e talento verdadeiro de comediante, Ramon Novarro estava fadado para ornar uma das nossas páginas futuras. A aparição prematura do belo galã da *Metro* na nossa revista, deve-se a uma notícia que os jornais de todo o mundo propalaram confiadamente, notícia desconcertante, estupenda, quasi idiota: Ramon Novarro vai professar num convento católico do México.

Adonis mete-se a frade, Adonis tonsura-se, Apolo, o belo Deus helénico, veste o burel humilde dos franciscanos. E para mais crê-

filhos — o trabalho no cinema nem sempre é fácil e a necessidade de enfrentar a vida não admite delongas de acção.

Apesar do talento musical sempre demonstrado pelo joven Ramon, foi o nosso herói forçado a abandonar por algum tempo o seu aperfeiçoamento e cuidar de dar lições de canto e piano para se poder manter.

Tempo chegou, entretanto, em que a sua

perseverança prevaleceu e conseguiu convencer alguns directores de scena a fazerem uma tentativa a seu respeito, o que se deu, primeiramente em simples papeis de extra, e por fim em desempenhos de maior importância, até atingir o ponto em que hoje se encontra — de astro de primeira grandeza.

O seu primeiro trabalho de algum tomo foi no «Prisioneiro de Zenda» ao lado de Lewis Stone, Alice Terry e Bárbara La Marr. Obtendo sucesso, foi-lhe entregue um papel em «Pescadores de Pérolas», de onde passou ao primeiro grande papel da sua carreira e porventura o mais belo: o protagonista de «Scaramouche», novela romântica de Raphael Sabatini e em que o moço comediante obteve um sucesso de tal ordem que chegou a eclipsar a glória, verdadeiramente justa, do célebre Lewis

Stone que, ainda neste filme, trabalhava junto d'ele. Após este ruidoso triunfo, a carreira de Ramon Novarro tem sido a mais brilhante do cinema depois de Rodolfo Valentino e ainda a estas horas é o grande successo mundial o seu filme «Ben Hur», em que, sob a direcção de Fred Niblo, executou prodigiosas scenas de interpretação histriónica a par de proezas atléticas formidáveis. Irá esta brilhantíssima carreira findar no silêncio, na paz beatificada duma cela humflima?

Ramon Novarro, em seus momentos de folga, dedica-se a exercícios pesados. Nada de gymnásticas suecas para elle! Suas

predilecções são a luta romana, corridas a pé, saltos, jogo de disco e tennis, e isso é que lhe tem dado o físico com que elle se apresentou, com tanta propriedade, como o escravo das galés, em «Ben Hur». Por momentos, Ramon Novarro interessou-se pelo box; mas os directores do estúdio, sabendo disso, aconselharam-no a desistir do intento. É que havia o bem fundado receio de que, em pouco tempo, se apresentasse o simpático artista com a sua estrutura física amassada, com as orelhas fora das suas dimensões normais, assim como o seu belo perfil, destruido a custa de uns tantos murros, conseqüências da tecnica do box. E isso seria, realmente, um desastre para o predilecto da scena muda.

Veremos ainda o formoso rapaz, tonsurados os seus lindos cabelos e emagrecido pelos jejuns

e vigílias?... Poderá tanto a sua fé?...

Lon Chaney acha-se presentemente a praticar duas horas

diárias com um detective, aprendendo a algarimar com rapidez qualquer individuo. Como o do seu feitio, procura tornar-se capaz de realizar todos os prodígios e estratagemas dignos da sua fama, no seu próximo filme, ora em preparação.

No filme «The Hypnotist», também com Lon Chaney, foi necessária a presença de teias de aranhas, em certas scenas. Uma máquina especial foi disposta, de sorte a formar as teias por meio de forte movimento giratório de gomma quente num aparelho de grande velocidade, até que os fios se distendessem em conseqüência da força centrífuga.

Já ninguém escapa de aparecer no cinema. Até o ex-presidente Taft, dos Estados Unidos e ora presidente da Suprema Corte americana, irá surgir num filme da Metro.



Ramon Novarro, ao acabar as suas scenas de «Ben Hur», rodeado por individualidades do cinema, entre outros Luis B. Mayer, Marcus Loew e Agnes Christine Johnson, famosa autora de argumentos



Ramon Novarro «gentleman» e ídolo das senhoras...

dito obterem, os periódicos justificam a notícia com o facto de um irmão de Ramon Novarro ser sacerdote e suas irmãs também serem freiras professoras. Será isto verdade?... Será um formidável bluff das tubas publicitárias de além-Atlântico? Será mística vocação de repente aparecida ou será cartaz-reclamo de algum novo filme na forja gigantesca de Culver City?... Não se sabe na Europa... e talvez não se saiba na América... da porta para fora do gabinete do produtor Louis B. Mayer.

Ramon Novarro, cujo aparecimento em «Ben Hur», o grande drama histórico, veio a ser a sua consagração definitiva, sempre teve o desejo de vir a ser artista cinematográfico. Mas nem sempre estão ao alcance dos pais todos os recursos de que carecem os



Ramon Novarro... D. Juan moderno